

ODETE BURGEILE

ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E SOCIOLINGÜÍSTICOS
DE UMA COMUNIDADE FALANTE DE LÍNGUA
INGLESA, EM PORTO VELHO—RO.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, para obtenção do grau de Mestre em Letras na área de Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. José Erasmo Gruginski

CURITIBA
1989

Ao meu pai, *in memoriam*

À minha mãe, dedicada e amiga.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

- Em especial, ao Prof. Dr. José Erasmo Gruginsky, pela atenção, estímulo e constante orientação.
- A todos os que, direta ou indiretamente, me acompanharam durante a pesquisa e redação deste trabalho.
- Aos informantes da comunidade barbadiana e granadina que permitiram a coleta de dados.
- À Universidade Federal de Rondônia e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, por terem possibilitado a realização deste.

S U M Á R I O

	<u>RESUMO</u>	vi
	<u>ABSTRACT</u>	vii
1	<u>INTRODUÇÃO</u>	1
1.1	JUSTIFICATIVA	1
1.2	OBJETIVOS	1
1.3	METODOLOGIA	2
1.3.1	Coleta de Dados	2
1.3.2	Análise dos Dados	5
1.4	ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E SOCIAIS DA COMUNIDADE	7
1.4.1	Aspectos Históricos	7
1.4.2	Aspectos Culturais e Sociais	9
2	<u>REVISÃO DA LITERATURA</u>	14
2.1	ESCOLHA, MANUTENÇÃO E MUDANÇA DE CÓDIGO	14
2.1.1	Escolha de Código	14
2.1.2	Manutenção e Mudança de Código	18
2.2	DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE UM GRUPO LINGÜÍSTICO...	23
2.3	NÚMERO DE MEMBROS DE UM GRUPO LINGÜÍSTICO	25
3	<u>RESULTADOS</u> '	41
3.1	RESULTADOS DA PESQUISA LINGÜÍSTICA	41
3.1.1	Introdução	41

3.1.2	Formas Gramaticais Características do Inglês das Ilhas	42
3.1.3	Formas Lexicais por Influência das Ilhas	56
3.1.4	Formas Gramaticais por Influência da Língua Por- tuguesa	64
3.1.5	Formas Lexicais por Influência da Língua Portu- guesa	66
3.1.6	Questões Fonológicas	68
3.2	RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS SOCIOLINGÜÍSTI- COS	71
3.3	OBSERVAÇÕES SOBRE OS DADOS COLETADOS	90
4	<u>CONCLUSÃO</u>	93
4.1	ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS	93
4.2	ASPECTOS LINGÜÍSTICOS	95
	<u>ANEXO</u>	99
	<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	105

RESUMO

Efetuuou-se, neste trabalho, a descrição dos aspectos lingüísticos e sociolingüísticos de uma comunidade bilíngüe (inglês-português), em Porto Velho-RO. Apesar de o inglês ser uma língua de prestígio no mundo todo, observou-se que está desaparecendo nesta comunidade. Na pesquisa lingüística, descreveram-se os aspectos morfológicos, sintáticos e léxicos dos dados que se desviavam do inglês-padrão e que apresentavam características do inglês de Barbados e Granada, ou influência do português e de outras línguas crioulas, "pidgins" e dialetos. Sob um enfoque sociolingüístico, fez-se outra pesquisa para descobrir as razões da mudança de código. Dentre os fatores estruturais mencionados por GILES *et alii* os que mais influenciaram a mudança de código foram: a discriminação racial sofrida pelas pessoas da comunidade e o baixo "status" da variedade. Além disso, a comunidade foi também analisada pela teoria das redes de comunicação social. Esta demonstrou que a falta de vínculos entre os falantes foi um fator de rede frouxa e uniplex e a provável causadora da mudança de código.

ABSTRACT

This work dealt with the linguistic and sociolinguistic description of a bilingual community (English-Portuguese), in Porto Velho - RO. Although English is a highly prestigious language all over the world, it was noticed that it is disappearing in that community. The linguistic research described the morfological, syntactical and lexical aspects of the data, showing the deviations of Standard English that had characteristics of the English spoken in Barbados, Grenada, or Portuguese influence and other creole languages, "pidgins" and dialects. This work also dealt with a sociolinguistic research that looked for the reasons of language shift. Among the structural factors mentioned by GILES *et alii* that most influenced the language shift were: racial prejudice suffered by people from the community and the low status of this variety. The community was also studied in the light of the theory of social networks mentioned by BORTONI-RICARDO. It demonstrated that the lack of webs of transactions among speakers was a factor of sparse and uniplex network and the probable cause of language shift.

1 INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

Existe, em Porto Velho-Rondônia, uma comunidade falante de língua inglesa que é descendente de imigrantes vindos de Barbados e Granada, nas Antilhas, para a construção da polêmica ferrovia Madeira-Mamoré.

Constatou-se, em visitas prévias à comunidade que ela estava aos poucos deixando de usar a língua inglesa. O que não deixa de ser um fato interessante, pois esta é uma língua de prestígio no mundo todo.

A autora mora em Porto Velho, ao pé dessa realidade lingüística, e, no momento de escolha de assunto para sua dissertação de mestrado, esse mundo de experiências lingüísticas apresentou-se naturalmente a seu espírito. De certo modo, a autora não teve escolha: o assunto se impôs a ela.

1.2 OBJETIVOS

Tendo em vista a proposta acima, os objetivos são os seguintes:

- a) fazer um estudo sociolingüístico para saber as razões aparentes da mudança de código;¹

- b) descrever algumas estruturas da língua falada que se distanciam do inglês-padrão e possuem características das ilhas de Granada e Barbados e do português.

1.3 METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho foi adotada a metodologia descrita a seguir:

1.3.1 Coleta de Dados

Baseada nas observações realizadas durante as visitas anteriores à comunidade, a pesquisadora utilizou questionários escritos, entrevistas gravadas e observação participante para coletar os dados lingüísticos, sociolingüísticos e históricos da comunidade.

As gravações e a aplicação do questionário escrito foram efetuadas entre os meses de novembro de 1987 e março de 1988, apesar de que a autora já vinha mantendo contatos com a comunidade desde julho de 1986 e que findaram em setembro de 1989.

Como interessavam à pesquisa somente os moradores residentes em Porto Velho, obteve-se um número aproximado de 295 pessoas que formavam as 19 famílias da comunidade granadina e barbadiana.

A distribuição da população era a seguinte:

- a) 179 pessoas pertenciam à 1.^a e 2.^a gerações.² Dentre essas, 12 pessoas eram menores de 15 anos, restando 167. Desse total, escolheram-se aleatoriamente 54 pessoas (32,3%), dentre as quais 28 (51,8%) eram mulheres e 26 (48,1%) eram homens. Vinte e sete pessoas

pertenciam à 1.^a geração e as outras 27 à 2.^a geração, compreendendo aquelas com idade entre 15 e 73 anos, que era a idade dos mais velhos já nascidos no Brasil. Abaixo dos 15 anos a autora verificou, em pesquisa prévia na comunidade, que não haveria a possibilidade de os falantes usarem a língua inglesa, porque eram todos monolíngües em português;

- b) 112 pessoas pertenciam à 3.^a e 4.^a gerações. Como 81,2% eram menores de 15 anos, foi feita a exclusão das respectivas gerações;
- c) quatro pessoas eram nascidas nas ilhas e foram excluídas da pesquisa porque algumas apresentaram problemas de saúde na época das entrevistas, além de ser um número pouco significativo.

Para o questionário (vide Anexo nº 1), foram feitas perguntas com informações de caráter pessoal do falante: nome, sexo, idade, local de nascimento do falante, do cônjuge, se casado, e dos pais e avós, escolaridade e religião. Ainda no mesmo questionário, foi pedido aos falantes que apontassem a língua mais usada com determinados interlocutores e situações. Escolheram-se perguntas para saber do contato dos falantes entre si e a frequência dos mesmos.

As entrevistas gravadas foram utilizadas para a análise lingüística dos dados. Para isto foram selecionadas 21 pessoas da 1.^a e algumas da 2.^a geração por serem as únicas a manterem ainda uma conversação fluente na língua inglesa aprendida em casa e pela disponibilidade em realizar as gravações.

Algumas estratégias para entrar na comunidade, eliminar o efeito do observador durante as entrevistas gravadas e obter

o inglês coloquial, foram baseadas em LABOV. Elas são descritas abaixo:

- a) a postura do pesquisador deve ser de humildade e de interesse como de alguém que deseja saber os costumes daquela comunidade;
- b) o pesquisador deve ser honesto quanto ao objetivo da pesquisa, mas não deve fazer a atenção do falante se voltar para as características lingüísticas em que ele está interessado, pois haveria uma possível distorção das informações;
- c) as gravações devem ser feitas na frente do informante e com sua permissão;
- d) foram seguidos alguns tópicos de LABOV para promover uma conversação envolvente entre falante e pesquisador, tais como: morte e perigo de morte, sexo (se a sociedade em questão não tiver preconceitos em falar sobre o assunto), casamento e cortejo, indignação moral, coisas sobrenaturais, comidas típicas da comunidade, costumes religiosos, esportes, perguntas gerais sobre as atitudes dos falantes perante a língua.¹⁷

As gravações tiveram duração de no mínimo 30 minutos e foram realizadas na casa dos falantes ou em outro ambiente onde se sentissem mais à vontade.

A estratégia básica para obter uma conversação fluente foi descobrir e explorar o assunto que mais interessasse ao falante. As perguntas versavam sobre fatos da infância, adolescência e idade adulta. Foram incorporados ao trabalho fatos históricos da ferrovia, da cidade de Porto Velho e opiniões sobre o desaparecimento da língua inglesa na comunidade.

Um outro método aplicado por GAL e BLOM & GUMPERZ, o da observação participante, foi também apontado por LABOV. Esse autor acredita que devem-se unir as vantagens desse método com o de levantamento de dados, porque o pesquisador pode entrar na vida da comunidade e observar os processos de interação lingüística diretamente.

A observação participante foi então realizada em todos os momentos: por ocasião da entrevista gravada, dos questionários escritos, de passeios com alguns deles e, ainda, durante o trabalho deles na ferrovia, etc. Com isto, pôde-se coletar informalmente mais dados que ajudaram a compreender o universo da comunidade e identificar o problema da pesquisa.

1.3.2 Análise dos Dados

Foi feito um estudo lingüístico e sociolingüístico dos dados, explicados abaixo:

- Sociolingüístico

Esta análise foi realizada com a ajuda de tabelas, diagramas e entrevistas gravadas.

Construíram-se tabelas correlacionando o grau de frequência no uso do português e inglês com diferentes interlocutores e situações, segundo as variáveis geração e sexo (vide p. 72, 73, 74 e 85).

Usaram-se tabelas e diagramas (vide p. 87 e 89) para os contatos dos falantes entre si, a fim de saber o tipo de redes que pertenciam (vide literatura) e verificar se justificavam a mudança de código.

Além das tabelas e diagramas, sentiu-se a necessidade de se retirarem temas das perguntas informais dirigidas aos falantes.

- Lingüístico

As entrevistas gravadas foram o instrumento desta análise.

Foi feito um levantamento dos dados que se distanciavam do inglês-padrão e apontados aqueles que tinham características do inglês das ilhas ou influência do português.

Três informantes (a, b e c), que nasceram e viveram em Barbados e Saint Christopher, apontaram os dados com características das ilhas e a pesquisadora valeu-se de sua intuição da língua portuguesa.

O informante a é um homem de 35 anos, que nasceu em Barbados e estava havia três anos no Brasil, já falando fluentemente o português. O informante b, um homem de aproximadamente 42 anos, nascido em Saint Christopher, residia havia três meses em Porto Velho e falava pouco português. O informante c, uma mulher de aproximadamente 60 anos, que também nasceu em Barbados e residia havia 17 anos em Londres, onde foi entrevistada pela pesquisadora. Todos eles afirmaram que não havia muita diferença entre o inglês de Barbados, Granada e Saint Christopher.

Este levantamento contou também com a ajuda da série "Insight Guides"¹⁵ e do artigo de WICKHAM²⁹, que continham falares barbadianos. Estas duas últimas fontes foram conseguidas só após as entrevistas com os informantes citados e se tornaram muito importantes para registrar as características das ilhas que porventura tivessem passado despercebidas àqueles.

Certas referências a outras línguas crioulas, "pidgins" e dialetos foram feitas para apontar as possíveis semelhanças com os dados colhidos (confira RESULTADOS DA PESQUISA LINGÜÍSTICA na p. 41).

O sistema de transcrição adotado no trabalho seguiu o indicado por MARCUSCHI: "o sistema sugerido é eminentemente ortográfico, seguindo a escrita-padrão, mas considerando a produção real". (p. 9).¹⁹

1.4 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E SOCIAIS DA COMUNIDADE

1.4.1 Aspectos históricos

A história da comunidade se resume aos registros da construção da ferrovia e à história oral dos habitantes mais velhos.

A maior parte dos imigrantes granadinos e barbadianos chegou a Porto Velho-Rondônia em 1910 para a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, resultante de um tratado do Brasil com a Bolívia feito em 1903 - o Tratado de Petrópolis. O Brasil construiria a ferrovia que ligaria a Bolívia ao oceano e esta daria em troca a possessão do que é hoje o estado do Acre (cf. FERREIRA¹⁰).

Durante a construção, muitos imigrantes foram atraídos pelos altos salários e pelas facilidades dadas pelas companhias norte-americanas. Embora houvesse pessoas do mundo todo e de várias partes do Brasil neste empreendimento, estes negros de Barbados e Granada eram muito requisitados, porque tinham mais

resistência às doenças da região (cf. depoimento dos falantes 6 e 20).

Segundo o jornal "Junior Caribbean", os antilhanos recebiam, em suas ilhas, treinamento como mecânicos e artífices, sendo, portanto, chamados para os trabalhos de mecânica e manutenção da ferrovia.¹⁶

Apesar de ter havido muitas baixas dos trabalhadores na construção da ferrovia, causadas pelos constantes ataques indígenas e doenças da região como malária, beribéri, febre amarela, disenteria, a estrada foi finalmente inaugurada em 1912.

O empreendimento já era então considerado falido pelos seguintes fatores: estava caindo o preço da borracha no mercado mundial e o canal do Panamá estava quase concluído e a Bolívia já tinha construído sua própria ferrovia para o Pacífico através do Chile e não precisava mais da brasileira (cf. FERREIRA¹⁰).

Muitos dos trabalhadores de Granada e Barbados preferiram ficar no Brasil em vez de voltar para suas pátrias, porque já estavam casados e com filhos e achavam que, se voltassem para as ilhas, seus filhos seriam estrangeiros, não recebendo as facilidades que tinham aqui (cf. depoimento do fal. 17).

... he hind that he have plenty children here, so he want to stay in Porto Velho and didn't go back to his country ... here had plenty children, so the children born in Brazil. Some is Brazilians, so he hold we strangers ... for we to go back it was very difficult, so he find it was better to stay here in Porto Velho . (fal. 17)

Dos 2.211 antilhanos (jamaicanos, granadianos e barbadianos) que chegaram em 1910 (cf. FERREIRA¹⁰), restam apenas 19 famílias descendentes de imigrantes de Barbados e Granada, com

um total de aproximadamente 295 pessoas residentes em Porto Velho.

1.4.2 Aspectos Culturais e Sociais

A alimentação básica já consiste em sua maior parte de comida brasileira. Quanto à comida antilhana, os pratos mais comuns, como se pôde verificar através da entrevista com as falantes nº 38 e 10, são o "coo-coo" com quiabo (é um tipo de polenta com quiabo e leite de côco), o "fried fish with stew" (peixe frito com caldo), os "dumplings" (uma espécie de bolinhos de farinha de trigo que complementam a sopa). Usam amplamente o "bread fruit" (fruta pão), "sweet potatoes" (batata-doce), o queijo tipo reino e, na época de natal, o "Christmas bread" (pão de natal). A série "Insight Guides" também cita alguns desses pratos típicos.¹⁵

A comunidade é bilíngüe, adotando tanto o português, como o inglês. Não existem casos de monolingüismo em inglês, somente em português.

Como esta é uma comunidade urbana e não se encontra reunida em um bairro específico, seu vestuário e sua estrutura familiar são praticamente os mesmos da cultura brasileira.

Os informantes pertencem a várias religiões (Tabela nº 1).

TABELA Nº 1. VARIAÇÃO DAS RELIGIÕES NA AMOSTRA

RELIGIÕES	Nº ABSOLUTO
Batista	20
Católica	29
Evangélica	2
Adventista do 7º dia	2
Só estuda a Bíblia em casa	1
Total	54

A maioria das profissões dos informantes é mostrada na tabela abaixo (TABELA nº 2).

TABELA Nº 2. VARIAÇÃO DAS PROFISSÕES DA AMOSTRA

PROFISSÕES	Nº ABSOLUTO
Funcionário público aposentado	2
Funcionário da ferrovia aposentado	5
Funcionário público	8
Do lar	5
Professor	10
Bibliotecária	1
Enfermeira	2
Estudante	7
Ferroviário	3
Engenheiro Civil	1
Psicóloga	1
Técnico em contabilidade	5
Torneiro mecânico	1
Mecânico	1
Taxista	1
Jornalista	1
Total	54

Não se verificou analfabetismo entre os informantes e a demonstração da escolaridade é apresentada na tabela abaixo (TABELA nº 3).

TABELA Nº 3. DEMONSTRAÇÃO DA ESCOLARIDADE NA AMOSTRA

ESCOLARIDADE	Nº ABSOLUTO
1º grau incompleto	15
1º grau completo	5
2º grau incompleto	5
2º grau completo	17
Superior completo	8
Superior incompleto	4
Total	54

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹Adotou-se o termo mudança de código para traduzir o termo em inglês "language shift" (cf. revisão da literatura).

²Para se definir a geração a que determinado informante pertencia, levaram-se em consideração os seguintes critérios:

- a) eram considerados nativos aqueles falantes que tivessem nascido no país de origem;
- b) foram considerados como 1.^a geração, aqueles falantes cujos genitores ou pelo menos um deles fosse nativo;
- c) foram considerados como 2.^a geração, aqueles falantes cujos genitores ou pelo menos um deles fosse descendente de antilhanos;
- d) foram considerados como 3.^a geração, todos aqueles cujos avós ou pelo menos um deles fosse descendente de antilhanos;
- e) como 4.^a geração incluíram-se os falantes cujos bisavós ou pelo menos um deles fosse descendente de antilhanos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 ESCOLHA, MANUTENÇÃO E MUDANÇA DE CÓDIGO

Os fenômenos de mudança de código¹ (do termo inglês "language shift"), manutenção do código (do termo inglês "language maintenance") e escolha de código (do termo inglês "language choice") serão apresentados de forma separada, apesar de relacionados entre si. Segundo FASOLD, os dois últimos fenômenos acima citados são os resultados conjuntos da escolha de código.⁸

2.1.1 Escolha de Código

Sociolinguistas como GUMPERZ, HYMES, FISHMAN e outros têm apontado que os falantes de uma língua encontram muitas variedades dentro do repertório comunicativo de uma comunidade e têm que fazer uma escolha adequada para uso em um contexto específico. Faz parte da competência comunicativa do falante saber quais são as alternativas e regras adequadas para tal decisão.

FISHMAN (1964, 1965, 1968), citado por FASOLD, propôs que há certos contextos institucionais, aos quais chamou "domínio" (do termo inglês "domains"), em que uma variedade linguística pode ser mais apropriada do que outra. Os domínios são tomados como a constelação de fatores, tais como local, tópico e parti-

cipantes. Exemplos de possíveis domínios são a família, a escola, o emprego, o parque de diversões e a rua, a administração governamental, etc. Esses domínios não são universais e podem variar de uma a outra comunidade.⁸

Segundo SAVILLE-TROIKE, um exemplo de escolha de código, de acordo com domínios, é o de diglossia, ou a situação em que duas ou mais línguas (ou variedades da mesma língua, conforme a proposta de FERGUSON, 1959), em uma comunidade de fala, são alocadas a diferentes funções sociais e contextos.²¹ FERGUSON originalmente pretendeu que diglossia se referisse a "one particular type of standardization where two varieties of a language exist side by side throughout the community, with each having a definite role to play" (p. 232). Em cada situação, a diglossia mantém-se como sistema estável em que há variedade alta (do inglês "high", sigla H) e outra baixa (do inglês "low", sigla L) de uma mesma língua usadas na mesma sociedade. A variedade alta (H) é que goza de prestígio social, e não a variedade baixa (L). A literatura é toda escrita na variedade alta; as crianças aprendem a variedade baixa em casa e a alta em ambientes formais como a escola; a variedade alta tem uma tradição de estudo gramatical, assim como normas e ortografias estabelecidas. FERGUSON tomou como exemplo o uso de variedades clássica (H) e coloquiais (L) do árabe, "Katharevousa" (H) e variedades "Demotike" (L) do grego, francês-padrão haitiano (H) e crioulo (L), alemão-padrão (H) e alemão-suíço (L).⁹

GUMPERZ (1961, 1962, 1964, 1966), citado por FISHMAN, foi o primeiro a dar uma dimensão nova ao termo diglossia. Ele propôs que diglossia existe:

- a) em sociedades que empregam dialetos distintos, registros ou variedades lingüísticas de qualquer tipo, diferenciadas funcionalmente;
- b) em sociedades plurilíngües, as quais reconhecem oficialmente várias "línguas"; e
- c) em sociedades que utilizam as variedades clássica e vernácula.

Em casos de sociedades plurilíngües, FISHMAN chama a atenção para a diferença entre a distribuição destas línguas na sociedade (diglossia) e no uso dos indivíduos (bilingüismo). Para distinguir esses dois fenômenos, ele propõe: bilingüismo com diglossia, diglossia sem bilingüismo, bilingüismo sem diglossia, e nem diglossia, nem bilingüismo. O francês e o flamengo estão em distribuição complementar regional na Bélgica, mas cada uma dessas línguas é usada para uma série de funções em cada parte do país - são um exemplo de **bilingüismo sem diglossia**. Segundo FISHMAN, o Paraguai (confira RUBIN, 1968) é um exemplo de **diglossia e bilingüismo**. Neste país, o espanhol é a língua alta (H) - a da escola e do governo - e o guarani, a baixa (L) - a da casa. São muito poucas as pessoas que falam ambas as variedades, embora a educação bilíngüe esteja alterando essa situação.¹¹

STERN cita um exemplo de **diglossia sem bilingüismo**: em Quebec, Canadá, podem-se encontrar falantes nativos de inglês que não sabem francês e falantes nativos de francês sem conhecimento de inglês. Para a situação de **nem bilingüismo, nem diglossia**, ele comenta que é a posição ideal do século dezenove, na qual haveria uma só língua padrão para ser usada como o único meio de comunicação em todos os níveis.²⁴

Ainda sobre a questão da escolha de código que se relaciona com a situação em que ela ocorre, deve também ser citado o estudo clássico feito por BLOM & GUMPERZ na vila norueguesa de Hemnesberget. Há duas variedades lingüísticas do norueguês: (1) ranamal (L), que é um dialeto local com grande prestígio, um símbolo de identidade local aprendido em casa; (2) bokmal (H) que é uma forma supra-regional, aprendida na escola e é associada a valores pan-noruegueses. BLOM & GUMPERZ descobriram que o comportamento dos falantes na escolha de códigos era caracterizado pelo que os autores chamaram de alternância situacional. Ela ocorre onde há uma redefinição de uma situação. Deve-se levar em consideração o participante e o local e há uma direta relação entre língua e situação social.³ FASOLD cita os seguintes exemplos de alternância situacional: quando a situação for considerada formal e relativamente longe dos assuntos locais e pessoais, então as formas do bokmal predominam e se a situação for ligada à comunidade de Hemnesberget (se opondo à cena norueguesa como um todo), então ocorre a concentração de formas do ranamal.⁸

BLOM & GUMPERZ ainda descobriram outro tipo de alternância, que chamaram de alternância metafórica. É relacionada à mudança de código e enriquece a situação; adiciona um significado especial de confidencialidade à conversa, porque há uma inserção do vernáculo local onde a forma padrão está sendo falada. "Characteristically, the situations in question allow for the enactment of two or more different relationships among the set of individuals" (p. 245). Há um exemplo desta situação quando dois falantes de Hemnesberget encontram-se em um local do governo onde o bokmal é exigido. A solução foi falar sobre negó-

cios oficiais, usando o bokmal e ao falar sobre assuntos familiares e cumprimentarem-se, usando a variedade ranamal. Como conclusão, os autores sugerem que os significados sociais das duas variedades tornam possível entender a alternância de um indivíduo entre uma variedade e outra e como as variedades estão distribuídas dentro da comunidade.³

2.1.2 Manutenção e Mudança de Código

Conforme apontado por FASOLD⁸ e também por SAVILLE-TROIKE, as repetidas escolhas de código adequadas à situação acabam, a longo prazo, tendo como consequência para as múltiplas línguas ou variedades lingüísticas envolvidas "their maintenance as separate entities, changes in one or both language systems under influence from the other, or the abandonment of one in favor of the other" (p. 192).²¹

Segundo FASOLD, entende-se por manutenção de código, a situação em que a comunidade decide continuar usando a língua ou línguas que tinha tradicionalmente usado. Na mudança de código, há o abandono de uma língua em favor de outra. A mudança de código é, às vezes, chamada de morte de língua, porque a língua anterior não está mais sendo usada e a comunidade falante muda definitivamente para uma nova língua. A morte de língua é interpretada diferentemente por alguns lingüistas. Ela pode ocorrer: (1) se houver uma mudança total em uma comunidade específica, independentemente de haver outra pessoa no mundo que ainda use a língua; (2) quando os últimos falantes da língua são considerados como uma comunidade de fala em estado de mudança.⁸

Vários estudos foram realizados para identificar fatores que causam a manutenção e mudança de código. FISHMAN afirma que a alocação dos códigos a domínios distintos é essencial à manutenção compartimentalizada de cada variedade. Para ilustrar a relação das variedades nos domínios, ele sugere uma escala com os passos sucessivos da aculturação de imigrantes. Os seguintes estágios refletem a solução do bilingüismo adotado por um grupo de imigrantes em direção ao monolingüismo em inglês:

- Estágio 1: o inglês é aprendido através da língua nativa dos "estrangeiros", com uso restrito a alguns domínios em que a língua nativa não pode ser utilizada.
- Estágio 2: os imigrantes começam a usar a língua nativa ou o inglês entre eles mesmos e em vários domínios. Inicia-se o processo de integração.
- Estágio 3: a língua nativa ou o inglês são usados na maioria dos domínios.
- Estágio 4: o inglês substitui a língua nativa em todos os domínios, exceção feita unicamente aos domínios mais locais e particulares, como por exemplo, no convívio familiar dos estrangeiros.¹¹

Em apoio a esta explicação de FISHMAN, DOWNES cita a situação de Montreal, onde a existência de um amplo bilingüismo, combinado com a manutenção do inglês e francês, é o resultado de uma alocação estável de ambas as línguas em domínios distintos dentro da sociedade. Ele acrescenta também que uma determinada variedade é distribuída em determinados domínios, porque ela tem um significado social apropriado para aquele domínio na comunidade de fala. A variedade também tem aquele significa-

do, porque um determinado grupo social a usou e, portanto, ela carrega a identidade e os valores dos que usam esta variedade, e os valores das situações típicas nas quais eles a usam.⁷

Pelo modelo de GILES, BOURHIS & TAYLOR, há um fator chamado de "vitalidade etnolingüística", que é composto pelos seguintes fatores estruturais: "status", demografia e apoio institucional. Em situações intergrupais, a vitalidade de um grupo etnolingüístico é aquela que faz um grupo se comportar como uma entidade distinta e ativa. A partir disto, é argumentado que, quanto mais vitalidade um grupo tiver, maior probabilidade de ele terá de sobreviver.²

O primeiro fator a ser apresentado é o "STATUS", que compreende o econômico, o social, o sócio-histórico e o da língua.

"STATUS" ECONÔMICO: é fator importante em quase todos os estudos de manutenção e mudança de código. Quando a comunidade de uma língua minoritária tem um "status" econômico baixo, há uma tendência de mudar para a língua majoritária. É o caso da língua espanhola nos Estados Unidos, porque a maior parte dos seus falantes pertence a grupos de baixa renda. Os pais, que não têm fluência no inglês, tentam fazer suas crianças aprenderem a língua tão logo quanto possível, porque eles já internalizaram as atitudes da sociedade de que o espanhol é a língua da comunidade pobre e para o indivíduo obter uma posição privilegiada, o inglês é essencial. Os imigrantes turcos, os servo-croatas ou os gregos que trabalham na Europa Ocidental são forçados a acreditar que o fato de serem parte de uma comunidade falante minoritária pode ocasionar seu baixo "status" econômico.¹³

Segundo APPEL & MUYSKEN, as mudanças econômicas, em que estão incluídas a modernização, a industrialização e a urbanização, são também fatores importantes na descrição da manutenção e mudança de código.¹ Entre os autores que explicam esta idéia, estão os citados por FASOLD; são eles: GAL (1979), TIMM (1980), DORIAN (1981), TABOURET-KELLER (1968, 1972), HUFFINES (1980), em que se mostram casos de mudança de código.⁸ APPEL & MUYSKEN também citam o trabalho de RINDLER SCHJERVE (1981) que chegou à conclusão de que a língua italiana na Sardenha está associada com a "vida moderna" e os altos padrões de vida, e a isto se deve a tendência de as pessoas usarem esta língua em vez do sardo. Estes mesmos autores acrescentam que, em períodos de modernização, as línguas minoritárias sofrem dois estigmas: elas são faladas pelas pessoas pobres e tradicionais, pessoas à moda antiga que não podem enfrentar a realidade da vida econômica moderna. Entretanto, as mudanças econômicas podem afetar positivamente a manutenção da língua. Eles apresentam o trabalho de PAULSEN (1981), que escreve sob a língua "Ferring", que é uma língua germânica falada nas ilhas de "Fohr" e "Amrun", situadas na costa da Alemanha, no mar do norte. No século dezoito, as ilhas ofereceram para companhias estrangeiras holandesas, muitos marinheiros e oficiais treinados principalmente para a pesca de baleias, pois houve uma forte redução das rendas na pesca de arenque. Isto resultou em quase três séculos de dependência econômica das ilhas, culminando no prestígio da língua "Ferring".¹

O "STATUS" SOCIAL que aqui se refere à auto-estima que o grupo étnico tem por si mesmo, é geralmente o mesmo que lhe foi

atribuído pelo outro grupo. Este fator depende muito do "status" econômico do grupo e é considerado muito importante para a manutenção do código. Um exemplo disto é encontrado entre os falantes de quêchua no Peru, Equador e Bolívia, que se consideram de baixo "status" social e, portanto, tendem a mudar para o espanhol, que tem conotação de alto "status" social.

"STATUS" SÓCIO-HISTÓRICO: os fatos sócio-históricos fazem o grupo se tornar mais orgulhoso de si mesmo, lutando por sua identidade étnica, como sua comunidade fez no passado. SAVILLE-TROIKE concorda que, quando uma área dominada tem uma tradição cultural forte e também sentimentos de superioridade cultural, a língua nativa prevalece. Exemplo disto foi a Grécia sob o domínio dos romanos e a adoção do francês pelos escandinavos.²¹ Outro exemplo foi o citado por FASOLD: os normandos no século onze, ao conquistarem a Inglaterra, acabaram adotando a língua inglesa (KAHANE & KAHANE, 1979; DENISON, 1977).⁸

"STATUS" DA LÍNGUA: esse pode ser um fator importante nas comunidades bilíngües. Por exemplo, línguas como o inglês, francês, russo e espanhol têm um "status" alto, porque são línguas de comunicação internacional. Entretanto, deve-se observar a diferença entre "status" dentro e fora da comunidade. Por exemplo, o francês tem um "status" alto fora do Canadá, mas é substituído pelo inglês pela maior parte de sua população. A língua árabe tem um alto prestígio no mundo árabe, porque é a língua do alcorão, mas na Bélgica, França e Holanda, essa língua tem um baixo prestígio pela maior parte das pessoas.

APPEL & MUYSKEN acrescentam que o "status" da língua está relacionado com o "status" social do grupo, porque o segundo fator influencia o primeiro. O que contribui para o "status" baixo de uma língua é o fato de o grupo minoritário falar o dialeto da respectiva língua. No Sudoeste dos Estados Unidos, os falantes de espanhol vêem sua língua como somente um "dialeto" ou um tipo de "gíria" e não como uma "língua real". Esse sentimento de inferioridade lingüística é forte quando um grupo minoritário fala uma língua não estandardizada e/ou modernizada. Exemplo disto é o crioulo haitiano que tem um "status" baixo em Nova York, onde há uma grande comunidade de imigrantes haitianos e refugiados. A língua dominante nem sempre tem um "status" alto entre os falantes. Este é o caso de imigrantes que vão para a Dinamarca. O incentivo que têm para o dinamarquês é fraco quando comparado com o inglês na Inglaterra, pois esse é considerado uma língua com "status" alto.¹

O segundo fator ainda proposto pelo modelo de GILES *et alii* é o DEMOGRÁFICO.

Ele está relacionado com a distribuição geográfica e com o número de membros de um grupo lingüístico.¹³

2.2 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE UM GRUPO LINGÜÍSTICO

Três fatores estão incluídos neste item: o território nacional, a concentração e a proporção do grupo.

O **território nacional** está relacionado com a noção de terra ancestral. Nas conquistas territoriais, os grupos lingüísticos são divididos e aumentados de acordo com as necessidades políticas e administrativas dos grupos dominadores. Os grupos minoritários, ao perder sua terra tradicional, têm poucas chan-

ces de manter sua língua. As pessoas de Quebec e os galeses ainda conservam sua língua, porque não perderam sua terra tradicional. LIEBERSON (1972), citado por GILES *et alii*, mostrou que os imigrantes de línguas minoritárias geralmente assimilam a cultura dominante e vão perdendo sua língua mais rapidamente do que os nativos de línguas minoritárias que ainda ocupam sua terra tradicional.¹³

A concentração dos membros de um grupo etnolingüístico em um determinado território, país ou região também contribui para a manutenção do código. Os falantes de um grupo minoritário que estão concentrados na mesma área geográfica podem ter uma chance melhor de sobreviver como uma comunidade lingüística dinâmica, pelo fato de estarem em freqüente interação verbal e poderem manter seus sentimentos de solidariedade. Entre outros exemplos, encontra-se o de LIEBERSON (1967) citado por APPEL & MUYSKEN, que mostra o caso de Quebec, onde o francês é a língua majoritária pela alta concentração de canadenses falantes de francês. O contrário acontece em outras partes do Canadá, porque os falantes vivem mais dispersamente. Os grupos rurais, por estarem concentrados em um determinado lugar, têm uma força extremamente mais poderosa do que os da zona urbana para manterem uma língua minoritária. APPEL & MUYSKEN apontam o trabalho de ANDERSON (1979) como exemplo deste argumento. Este concluiu que ucranianos em Saskatchewan, no Canadá, mantiveram melhor sua língua em fazendas do que os moradores de pequenas cidades e vilas e estes, por sua vez, resistiam mais à mudança para o inglês do que os de grandes centros.¹ FISHMAN, quando fala sobre a diferença entre urbanidade e ruralidade, faz a combinação de dois fatores - o isolamento e a concentração. Esta

última implica comunidade mais densa e mais freqüente e isto tende a manter o código. O isolamento também o faz. Por outro lado, embora nas cidades as pessoas não estejam nem isoladas e nem concentradas, existe um fator que favorece a manutenção, contrariamente às expectativas, que é o esforço e a consciência de manter o código.¹¹

As **diferentes proporções** entre os falantes de um e de outro grupo vão afetar a natureza do relacionamento intergrupal.

2.3 NÚMERO DE MEMBROS DE UM GRUPO LINGÜÍSTICO

Cinco fatores são discutidos neste item: números absolutos, taxa de nascimento, casamentos mistos, emigração e imigração.

Os **números absolutos** se referem aos números de falantes que pertencem a um grupo lingüístico minoritário. Há uma tendência para a língua dominante quando o número de falantes de uma língua diminui e não há necessidade de se usar mais a mesma. APPEL & MUYSKEN citam o trabalho de CLYNE (1982) que se refere à manutenção da língua entre imigrantes na Austrália. Ele mostrou que não há uma correspondência entre os números e a manutenção do código. Por outro lado, entre a comunidade maltesa, a correspondência era notada quando os dados sobre a mudança de código foram comparados em muitos estados australianos. Houve uma grande tendência de mudar para o inglês nos lugares com poucos imigrantes malteses e o contrário ocorreu onde havia uma grande população de malteses.¹

A taxa de nascimento de um grupo minoritário em relação àquela do grupo majoritário pode ser também um fator importante para se conseguir sua vitalidade. Por exemplo, os franco-canadenses no século dezenove se empenhavam em ter famílias numerosas para evitar serem superados pela vinda de grande número de imigrantes ingleses e assim acabarem se tornando uma comunidade com um número insignificante de pessoas.

Os casamentos interétnicos ou mistos podem influenciar na porcentagem de falantes que mantêm uma língua minoritária. A língua de prestígio é que terá maior chance de sobreviver como língua de casa e, portanto, a primeira língua da criança. APPEL & MUYSKEN citam o estudo feito por PULTE (1979) entre as famílias cherokees. Embora este autor tenha observado que a língua cherokee ainda florescia em poucas comunidades, ele ainda percebeu que, em cada família onde um falante cherokee era casado com outro falante não cherokee, as crianças eram falantes monolíngües do inglês.¹ SAVILLE-TROIKE também concorda que o casamento pode ser um fator na manutenção e mudança de código. Exemplifica isto com o trabalho de MC LENDON (1978) que atribui muita importância aos casamentos interétnicos, a rápida mudança do "Eastern Pomo" (uma língua nativa da Califórnia) para o inglês. Mas a autora acima acrescenta, citando o trabalho de SORENSEN (1967) que, devido à exigência de que os homens tucanos da região Amazônica se casem com mulheres que não pertençam ao seu próprio grupo lingüístico, pôde-se observar a manutenção de ambas as línguas. A maior parte dos tucanos crescem pelo menos bilíngües, e sempre falam várias línguas.²¹

A imigração é um fator que pode causar o aumento ou diminuição da vitalidade de um grupo lingüístico minoritário. Os

migrantes que mudam para uma área onde os grupos lingüísticos estão em competição aberta ou dissimulada parecem desejar adotar a língua e cultura do grupo dominante. Por exemplo, muitos imigrantes que se estabeleceram em Quebec, incluindo a comunidade grega de Montreal, têm sido considerados uma ameaça para os canadenses franceses, porque eles aprenderam mais inglês do que francês, como um meio para elevar sua condição sócio-econômica.

Os migrantes podem tanto contribuir para a manutenção da língua de um grupo minoritário ao assimilá-la, como também para seu enfraquecimento, ao assimilar a língua do grupo dominante.

A emigração pode também afetar a vitalidade dos grupos etnolingüísticos. Adversas condições sociais e econômicas podem forçar grande número de pessoas de grupos minoritários a deixar suas comunidades tradicionais à procura de melhores ocupações e oportunidades econômicas. Além de reduzirem os números de falantes do grupo minoritário, tais emigrantes freqüentemente precisarão aprender outra língua e eventualmente perderão a própria língua materna. Esse é o caso de falantes do galês que emigraram no início do século para a Inglaterra ou para áreas mais industrializadas do Sul de Gales à procura de empregos. Em menos de duas gerações a maior parte das famílias desses imigrantes perderam sua língua galesa. A emigração forçada ou induzida pode afetar seriamente a vitalidade de grupos lingüísticos minoritários até muito tempo após a principal onda de despovoamento ou extermínio ter acabado. Exemplo disso foi o genocídio de muitos armênios, bialfrenses e judeus.

O terceiro fator apresentado dentro do modelo de GILES *et alii*, é o INSTITUCIONAL, que se refere à extensão na qual a língua de um grupo minoritário é representada formal e informalmente nas várias instituições de uma nação, uma região ou uma comunidade. O que contribui para a manutenção de código é o fato da língua minoritária ser usada em várias instituições do governo, igreja, organizações culturais, etc.

O emprego da língua materna nos serviços governamentais ou administrativos pode estimular sua manutenção. Cada indivíduo, nas sociedades modernas, tem que interagir freqüentemente com representantes de autoridades locais ou nacionais. Se o meio de comunicação for sempre na língua majoritária, diminuirá a utilidade da língua minoritária.

A educação é muito importante para a manutenção da língua: se a proficiência das crianças na língua minoritária for encorajada na escola e as mesmas aprenderem a ler e escrever nela, isto contribuirá para sua manutenção.

O acesso aos meios de comunicação (rádio, televisão, cinema, jornais, discos, livros e revistas) por uma determinada língua, vai favorecer sua manutenção.¹³ Não só GILES *et alii*, mas também MACKEY¹⁸ e SAVILLE-TROIKE²¹ concordam com essa afirmação.

Quando a língua minoritária for também a língua da religião, isso será um fator favorecedor para sua manutenção. O alemão teve uma forte posição nos Estados Unidos por muito tempo, comparado com as línguas de imigrantes como holandeses e suecos, porque era a língua da igreja luterana. MACKEY também acrescenta que uma pessoa bilíngüe pode se tornar fluente em uma língua por razões puramente religiosas.¹⁸

A esses fatores estudados por GILES *et alii*, APPEL & MUYSKEN acrescentam que uma similaridade ou uma não-similaridade cultural é um fator importante na análise da manutenção/mudança de código. A mudança ocorre facilmente quando as culturas envolvidas são similares. Os imigrantes italianos e gregos na Austrália têm maior dificuldade em mudar para o inglês do que os imigrantes alemães e holandeses, porque as culturas daqueles dois povos não são similares à da comunidade australiana falante de inglês (CLYNE, 1982).¹

SAVILLE-TROIKE aponta também o **papel das mulheres** na comunidade como forte fator de manutenção/mudança de código. Mulheres não instruídas que permanecem em casa, contribuem para a manutenção da língua nativa, porque elas tendem a permanecer monolíngües. Por outro lado, quando elas são bilíngües, instruídas e participam no comércio ou outras atividades externas, a mudança de código ocorre. A autora também aponta trabalhos onde se chegou à mesma conclusão: GAL (1978), na fronteira da Áustria com Hungria; TRUDGILL & TZAVARRAS (1977) e WILHITE (1977).²¹ Também SMITH concorda que entre as mulheres fluentes em mais do que uma língua ou dialeto, há a adoção da língua dominante antes dos homens.²² LIEBERSON (1972), citado por FASOLD, diz que as mulheres são mais monolíngües do que bilíngües em Montreal-Canadá. Isto levou as famílias a terem um marido bilíngüe e uma esposa monolíngüe em francês para que ela ensine esta língua para as crianças, fortalecendo sua manutenção. Também diz que não há diferença entre homem e mulher até o início da idade adulta, quando o modelo feminino caminha junto com o do homem, mas com uma pequena freqüência do bilingüismo. Já em Oberwart-Áustria é diferente, porque as famílias geralmente

têm um dos genitores bilíngüe em húngaro e alemão, enquanto o que for monolíngüe, o será em alemão.⁸

GILES *et alii*¹³ e APPEL & MUYSKEN¹ comentam que os fatores e sub-fatores apresentados para a mudança e manutenção do código podem ser fortemente correlacionados, embora tenham sido apresentados separadamente. Por exemplo, um grupo com um "status" econômico baixo freqüentemente terá um "status" sócio-histórico baixo também; não terá controle sobre os meios de comunicação e não será capaz de lutar por programas educacionais feitos na língua minoritária. Esses fatores, provavelmente correlacionados, tornam impossível fazer uma previsão de mudança ou manutenção de código para determinado grupo, porque, segundo FASOLD, a comunidade pode estar exposta a fatores onde a mudança ocorra, mas acaba mantendo sua língua.⁸ APPEL & MUYSKEN ainda acrescentam que a maior parte das pesquisas neste assunto é puramente post-hoc e descritiva e uma boa teoria de manutenção de código não está ainda disponível. Eles comentam também que os fatores apresentados não influenciam diretamente a manutenção/mudança de código, mas somente indiretamente, via variáveis intermediárias, como mostrado no diagrama nº 1 abaixo.¹

DIAGRAMA Nº 1

FATORES



Fonte: Adaptado de APPEL & MUYSKEN (p. 38)¹

APPEL & MUYSKEN afirmam que, dentro das **variáveis intermediárias**, estão incluídas, tanto em sociedade multilíngües como monolíngües, o significado social da língua ou variedades linguísticas, o "status" que os falantes querem obter ao escolher determinada língua ou variedade linguística, assegurando assim sua própria identidade e as redes de comunicação social em que os falantes estejam incluídos.¹

BORTONI-RICARDO amplia as **variáveis intermediárias**, incluindo a **construção da identidade social** (que será explicada abaixo, com base na autora citada) como outro fator influenciador da manutenção/mudança de código.

O diagrama nº 2 ficaria assim:

fatores estruturais (que a autora chama de fatores sócio-ecológicos) → redes de comunicação social → construção da identidade pessoal → manutenção/mudança de código.⁴

As "redes de comunicação social" serão retomadas adiante, mas sua definição é feita por MITCHELL (1973), citado por BORTONI-RICARDO: elas são basicamente um conjunto de ligações de todos os tipos entre um conjunto de indivíduos.

A mesma autora cita GAL (1979), que afirma que as redes de comunicação social não influenciam a língua diretamente. Sua influência é exercida até o ponto em que as características das redes são provavelmente delineadoras da predisposição das pessoas de identificar-se com um certo grupo social:

Particularly relevant here are the effects of networks on the social categories with which speakers aim to identify themselves. Social networks influence people's communicative

strategies when such identification is expressed through speech. In turn, the power of social networks to constrain linguistic presentation of self depends on the fact that social contacts associate certain linguistic choices with particular social categories (p. 90).⁴

Cabe à psicologia social a investigação dos motivos, sentimentos, atitudes e estratégias envolvidas no uso da língua como um meio para atingir a integração social e implementar a identificação do grupo (à qual GAL está se referindo aqui).

Uma teoria importante, ainda em desenvolvimento, que estuda esses fenômenos é a teoria da acomodação. Seu postulado principal é que as pessoas são motivadas a ajustar sua fala ou acomodá-la para expressar valores, atitudes e intenções para com os outros. Em toda interação, há um processo negociador que essa teoria salienta. Tal processo negociador objetiva dar aos participantes um conjunto comum de procedimentos interpretativos que permitem serem as intenções do falante propriamente codificadas por ele e corretamente decodificadas pelos ouvintes.

O modelo da teoria da acomodação é baseado em quatro teorias psicológicas, que dizem respeito, respectivamente, aos processos de atração com base na similaridade (do termo inglês "similarity - support - attraction"), intercâmbio social (do termo inglês "social - exchange"), atribuição causal (do termo inglês "causal attribution") e distinção intergrupai (do termo inglês "inter-group distinctiveness"), que são discutidos brevemente abaixo. Dentro do modelo, há três conceitos básicos: convergência, divergência e complementaridade.

O princípio da atração com base na similaridade explica que as pessoas vão sofrer maior atração entre si quanto mais

similares forem suas atitudes, crenças e comportamento. A **convergência lingüística** é um meio usado nesta procura da atração e suporte. O termo se refere ao processo de mudança de código, quando os falantes se esforçam/procuram se tornar mais parecidos com aqueles com quem estão interagindo. A convergência lingüística pode ocorrer quando há uma mudança da língua, dialeto ou sotaque, ou ser restrita ao nível paralingüístico que inclui mudança de velocidade do discurso, medidas na pausa e enunciado, intensidades vocais, etc. Pode incluir também adaptação de comportamento não-verbal e de conteúdo da mensagem, levando-se em consideração, neste último, a familiaridade do ouvinte com o tópico que está sendo discutido. As pessoas usam a convergência lingüística como uma estratégia para atingir uma similaridade e isto pode provocar o aumento da inteligibilidade, predictabilidade e o suporte na interação e, finalmente, uma integração social.

O contrário da convergência lingüística é a **divergência lingüística** em que o falante deseja dissociar-se dos seus ouvintes. Os grupos étnicos a usam como uma estratégia para manter sua identidade. A divergência lingüística faz parte de um processo mais amplo de **distinção intergrupai**, pelo qual, em encontros intergrupais, os indivíduos podem procurar ou criar uma distinção positiva em um membro do outro grupo, em várias dimensões que eles considerarem de grande valor, incluindo a lingüística.

A convergência e divergência lingüística deveriam ser vistas sob a luz da teoria do **intercâmbio social**, pela qual "prior to acting we attempt to assess the rewards and costs of alternate courses of action" (GILES & SMITH, 1979) (p. 92).⁴

Outra importante noção para um entendimento do fenômeno da acomodação origina-se da teoria da atribuição causal. O conjunto de motivos e intenções que o indivíduo considera causas do comportamento dos outros é que o levarão a avaliar e interpretar as ações dos outros. Sendo assim, se o ouvinte atribuir ao falante a intenção de tratá-lo com superioridade, ameaça, insinuação ou mesmo ridicularização, fará com que o ato de convergência lingüística não seja visto positivamente.

Um terceiro conceito desenvolvido pela teoria da acomodação é o da complementaridade lingüística. Em uma interação diádica, uma relação é tida como complementar quando um participante carrega um papel de subordinado em relação ao outro grupo. Em tais casos, ambas, a divergência e convergência, podem ser muito integrativas para os dois participantes. A complementaridade significa, psicologicamente, uma aceitação da situação, mais do que dissociação, e envolve a divergência, quando acontecer em termos lingüísticos. "It is likely to occur when one participant assumes the submissive one-down position" (GILES, 1980) (p. 92).⁴

BORTONI-RICARDO ainda acrescenta que a convergência lingüística, divergência e complementaridade são provavelmente fenômenos universais e suas manifestações lingüísticas são culturalmente ligadas.

A autora acima citada ainda comenta que também os sociolinguistas como LE PAGE (1975/1980) e LABOV (1966) se preocuparam com a motivação individual que influi na variação e mudança lingüística.

LE PAGE comenta que o comportamento lingüístico está permanentemente sujeito a múltiplas e coocorrentes fontes de

influências relacionadas com diferentes aspectos de identidade social, tais como sexo, idade, conhecimento regional, ocupacional, religioso e grupos étnicos. Cada enunciado produzido pelo falante é, segundo LE PAGE, um ato de identidade.

Ele levanta uma hipótese para explicar a motivação geral para o comportamento lingüístico individual. De acordo com essa hipótese, os falantes criam suas próprias regras para se assemelharem o mais próximo possível dos membros do grupo com o qual eles desejam se identificar de tempos em tempos. Entretanto, seu desempenho é restringido por alguns dos quatro itens:

- a) o grau em que as pessoas podem identificar-se com os grupos-modelo;
- b) o grau em que eles têm acesso a tais grupos, e a habilidade de descobrir as regras do repertório lingüístico do grupo-modelo;
- c) a medida das várias motivações (possivelmente conflitantes) de um ou de outro grupo-modelo para a retenção da sua própria identidade;
- d) a habilidade de modificar seu comportamento lingüístico.

LABOV explorou a hipótese do conflito entre o que ele chama de prestígio e orientação da identidade. Ele afirma que, sem a análise dos modelos de mobilidade social, as complexidades da distribuição das variáveis lingüísticas em uma comunidade urbana, não podem ser entendidas. Usando indicadores sócio-econômicos, LABOV dividiu a amostra do seu levantamento da parte mais baixa do leste da cidade de Nova York, feita em 1963/64, em três principais tipos, de acordo com a mobilidade social: para cima, estável, e para baixo. A amostra reuniu pessoas de quatro classes

sócio-econômicas: classe baixa, classe trabalhadora, classe média-baixa e classe média-alta.

Com esse estudo, chegou-se à conclusão de que a maior parte dos nova-iorquinos são capazes de decidir o tipo de discurso apropriado para ocupações de alta posição social. O fato de usarem uma forma altamente estigmatizada não significa que não sejam conscientes do significado social dessa variável. Mesmo o reconhecimento do prestígio dado a algumas variáveis não implica a mesma linha de comportamento para todos:

for many New Yorkers the application of such middle-class values appears limited by conflict with other values - namely, the value system symbolized by their group's vernacular from early adolescence onward. Upwardly mobile individuals show the maximum tendency to apply the values of an external reference group to their behavior (LABOV, 1966) (p. 95).⁴

Retornando à teoria das "redes de comunicação social", faz-se necessário relembrar sua definição dada por MITCHELL (1973): elas são basicamente um conjunto de ligação de todos os tipos entre um conjunto de indivíduos. DOWNES comenta que "social networks involve more than simply communication. They form the web of transactions which make up the intimate texture of daily life, and as such involve individuals in rights and obligations towards each other" (p. 97).⁷ Esse autor ainda acrescenta que as redes apresentam uma importante característica - a densidade - a qual é uma medida para saber quantas ligações potenciais são de fato reais. As redes podem ser mais ou menos densas. Elas possuem uma densidade alta se os membros de uma rede estiverem em contato entre si. As redes podem ser multiplex ou uniplex.

A link between two persons will be single - stranded or uniplex if they are related in one capacity only, e.g. as employer/employee. It will be multi-stranded, or multiplex if they are bound in many ways, e.g. as kin, as co-workers, as neighbours etc. (MILROY, 1980) (p. 77).⁴

Segundo BORTONI-RICARDO, "density and multiplexity tend to co-occur and are likely to be found in traditional, closed social systems. Urban, open systems, on the other hand, tend towards sparseness and uniplexity of network" (p. 77).⁴ A autora ainda cita BOTT (1957), que descobriu que certos tipos de redes funcionam como um mecanismo de reforço à norma

when many of the people a person knows interact with one another, that is, when the person's network is close-knit, the members of his network tend to reach consensus on norms and they exert consistent informal pressure on one another to conform to the norms... But when most of the people a person knows do not interact with one another, that is, when his network is loose-knit, more variation of norms is likely to develop in the network. (p. 77)⁴

Pelo trabalho de GAL (1979), citado por APPEL & MUYSKEN, viu-se que em Oberwart, Áustria, uma comunidade de fala alemã e húngara, que era essencialmente camponesa e que falava húngaro, atingiu ampla prosperidade após a segunda guerra mundial e passou da agricultura para a industrialização. Com isto, o alemão passou a se tornar um símbolo desta industrialização. Mas, segundo APPEL & MUYSKEN, não se pode afirmar que uma pessoa que pertencesse ao grupo social de camponeses, falaria, necessariamente húngaro e a que pertencesse ao grupo de não camponeses, falaria alemão, uma vez que não existe uma relação direta entre fatores sociais e uso lingüístico. As redes das quais as pessoas

participam têm uma influência mais forte e mais direta. Por exemplo, um trabalhador industrial com uma ampla rede camponesa usaria mais húngaro do que um com rede não-camponesa.¹

Outro estudo nessa mesma linha é o trabalho de DORIAN (1981), citado por FASOLD. Ela fez um estudo na costa leste da Escócia, onde percebeu que, enquanto os pescadores formavam um grupo sócio-cultural distinto, com o gaélico como seu símbolo lingüístico, essa língua continuou a ser aprendida e usada. Mas, após a primeira guerra mundial, com a indústria pesqueira declinando, os membros dessa comunidade tiveram que ir à procura de novos empregos. Com isto, houve contato com outros falantes da própria região e de fora da mesma. Conseqüentemente, essas pessoas foram lentamente abandonando sua identidade de pescadores e, com ela, a língua gaélica. Observou-se então que, enquanto esses pescadores estavam unidos em sua comunidade, tinham uma rede densa e multiplex e, a partir do momento em que conseguiram novos trabalhos e contatos com pessoas de outros grupos, sua rede se tornou frouxa e uniplex com o conseqüente abandono do gaélico para inglês.⁸

O trabalho de BLOM & GUMPERZ (1972) foi interpretado por DITTMAR como um exemplo de redes de comunicação social. O autor explica que a variação lingüística dos falantes não é analisada com base no "status" sócio econômico, mas é vista como um meio de simbolizar as diferentes relações sociais entre os falantes. Portanto, ela é investigada com relação aos padrões interacionais que reconhecem e mantêm as relações sociais. É aqui que o conceito de redes de comunicação social pode ser empregado. A análise de GUMPERZ se baseia nas redes de amizade e inclui quatro grupos: duas redes abertas e duas fechadas, reunindo pessoas de diferentes origens sociais.⁶

As redes de comunicação social exercem, portanto, um importante papel na manutenção e mudança de código. O primeiro caso ocorre quando há a formação de redes densas e multiplex, com os indivíduos interagindo entre si, envolvidos nas mesmas obrigações e direitos. Ao contrário, quanto menos contatos os falantes de uma comunidade tiverem, maior probabilidade haverá de mudanças de código, pois ocorrerá menos identidade com o grupo e com sua língua. Eles formarão o que se denomina de redes de textura frouxa e uniplex.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹Adotou-se o termo **mudança de código**, segundo a tradução de TARALLO para "language shift",²⁶ embora alguns lingüistas prefiram chamar o fenômeno de desaparecimento/deslocamento de código.

²Apesar de APPEL & MUYSKEN aplicarem muito os fatores estruturais em seus estudos de manutenção/mudança de código, consideram esta afirmação circular e trivial.¹

3 RESULTADOS

3.1 RESULTADOS DA PESQUISA LINGÜÍSTICA

3.1.1 Introdução

Para a descrição lingüística, foram utilizados trinta minutos de gravações com vinte e uma pessoas da comunidade. Os dados que se distanciavam do inglês-padrão e que tinham característica do inglês falado nas ilhas de Granada e Barbados foram apontados com a ajuda de três informantes (a, b, c) que não pertenciam à comunidade estudada, mas que nasceram e viveram por muito tempo em Barbados e Saint Christopher.

Este levantamento também contou com a ajuda da série "Insight Guides" ¹⁵ e com o artigo de WICKHAM ²⁹ que continham falares barbadianos. Essas duas últimas fontes foram conseguidas só após as entrevistas com os três informantes e foram muito importantes para registrar as características das ilhas que porventura tenham passado despercebidas por aqueles.

Quando os dados apresentavam influência do português, utilizou-se a intuição da autora.

Outras línguas crioulas, "pidgins", e dialetos foram mencionados com o intuito de se obter possíveis semelhanças com os dados (confira no decorrer da descrição a seguir).

O sistema de transcrição adotado no trabalho seguiu o indicado por MARCUSCHI: "o sistema sugerido é eminentemente ortográfico, seguindo a escrita-padrão, mas considerando a produção real". (p. 9).¹⁹

3.1.2 Formas Gramaticais Características do Inglês das Ilhas

1) Na maioria das vezes, é flexionado o verbo na 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo:

"'Source' in English, it **mean**..." (falante 4).

"He **have** to dance..." (fal. 08. A fal. 38 também fez uso da forma).

"If she **want** to marry..." (fal. 18).

"She **have** to finish a lesson..." (fal. 10).

"He **go** and **take** it up..." (fal. 08).

"He **get** sick in the work..." (fal. 20. Os fal. 5, 23, 24, 32 também usaram essa forma).

"Everybody **know** ..." (fala 22).

Somente o informante **c** afirmou que essa seja uma característica das ilhas. O artigo da série "Insight Guides" apontou muitos exemplos com essa peculiaridade:

"... she **tell** muh dat..." (p. 86)

"One body **say**..." (p. 88)

Isto também foi observado no "Black English" britânico (confira SUTCLIFFE¹)²⁵ e no "Black English" americano vernáculo (confira HOOVER²)¹⁴ e TRUDGILL³)²⁷. Este acrescentou que esta é uma forma presente em certos dialetos britânicos, na fala de muitos americanos brancos (especialmente os sulistas), e nos crioulo-ingleses.

2) "DOES" é usado como um marcador que expressa uma ação habitual no presente do indicativo, na forma afirmativa e sem ser enfático:

"Sometime I **does** remember that..." (fal. 04. Esse mesmo uso foi observado entre os falantes 22, 23, 31, 32, 33, 38).

"People **does** feel bad..." (fal. 21. O fal. 6 também usou a forma).

"We **does** do it..." (fal. 23).

"... it **does** give a little 'melão'..." (fal. 20).

Havia essa mesma afirmação dentro do artigo da série "Insight Guides".

Já SUTCLIFFE apontou que o crioulo jamaicano britânico⁴, assim como o inglês-padrão, usa o radical dos verbos de ação para expressar ações habituais, mas a maior parte das línguas crioulas têm "does" como marcador habitual.²⁵

3) A forma interrogativa é feita com elevação da voz no final da sentença e sem a inversão do sujeito e verbo auxiliar:

"You have a pencil?" (fal. 38)

"She beautiful" (fal. 38)

"You is Teófilo?" (fal. 18)

"You understand me?" (fal. 3 e 6)

"He dead up there?" (fal. 31)

"You know Pará?" (fal. 8)

Os informantes **a**, **b**, **c** não foram inquiridos ocorre esse item.

Segundo a série "Insight Guides", o fato também ocorreu no linguajar barbadiano:

"We language limit"? (p. 251).

4) O auxiliar **don't** é usado para todas as pessoas verbais:

"They **don't** know what is right..." (fal. 05).

"... a thing he **don't** have..." (fal. 08. O fal. 05 também fez uso dessa forma).

"... the law **don't** go to punish..." (fal. 18. A fal. 38 tem a mesma característica no seu linguajar).

"... when a person that **don't** drink ..." (fal. 06).

"She **don't** speak Portuguese" (fal. 18. Também os falantes 5, 8 e 22 fizeram uso da mesma característica).

"I **don't** know what they doing..." (fal. 31. Os fal. 5, 18 e 20 fizeram uso dessa forma).

"You **don't** eat apple" (fal. 38).

"We **don't** like beer" (fal. 32).

Os informantes **a, b, c** não foram inquiridos sobre esse item.

Na série "Insight Guides" encontraram-se exemplos semelhantes:

"He still **doan'** eat out..." (p. 86).

"I **doan'** know..." (p. 87).

"You **doan'** like much..." (p. 86).

"... 'cause she **doan'** get..." (p. 87).

5) A variedade possui três variantes de passado simples ("simple past"):

a) a forma padrão:

"... they **went back** to their country..." (fal. 06).

"... because **had** the beriberi and the..." (fal. 20. Os fal. 04, 21 e 31 usaram os mesmos exemplos).

"He **came** first to look how..." (fal. 05).

"But Sílvia told me..." (fal. 31).

b) um homônimo do presente:

"... and 'durante' this time that I **catch** malaria I..." (fal. 17. Os fal. 05 e 22 usaram essa forma).

"... the name of the sickness that **kill out** plenty Barbadians..." (fal. 20).

"I don't know if it **start** in 1901..." (fal. 04. O fal. 24 também fez uso da forma).

"... my father... he never **teach** me nothing..." (fal. 06).

"... and after the England **take charge** and..." (fal. 04. Esse mesmo dado lingüístico foi encontrado na fal. 38).

"People **speak** inside the house and today they understand I see the..." (fal. 18).

"They went back to their country and some **remain** here..." (fal. 06).

"That we drink that and the malaria **go away** from us" (fal. 04).

"She **drink** water yesterday" (fal. 08).

c) um auxiliar **DID** como marcador de passado simples, sem ser enfático:

"He **did** learn a little..." (fal. 08).

"Yes, I **did** know them..." (fal. 04).

"I **did** know a few children..." (fal. 22).

"After I **did** come a man and have children..." (fal.03).

"I **did** pass and two bees..." (fal. 18).

Segundo a série "Insight Guides", o sistema verbal barbadiano é diferente do inglês. O tempo presente de um verbo é usado mesmo quando falam sobre uma ação passada:

"He **run** home last night". Em vez de: "He **ran** home last night". (p. 252)

Esta mesma característica foi encontrada no "Black English" americano vernáculo, segundo HOOVER¹⁴.

BICKERTON comentou que esta é uma característica das línguas crioulas do Havaí, Haiti, Jamaica, das Pequenas Antilhas, da Guiana, do Suriname, São Tomé, Ano Bom, Maurício, Rodrigues e Seychelles.²

A característica da letra **c** apontada acima coincidiu com o que WARDAUGH encontrou nas línguas crioulas e "pidgins".²⁸ Isto também foi descrito por SUTCLIFFE entre os falantes do "Black English" britânico e do crioulo jamaicano britânico.²⁵

A série "Insight Guides" apresentou DID como marcador de passado simples:

"... but I **did** get a invitation..." (p. 87).

"I **did** feel too sweet..." (p. 88).

6) A forma verbal **dead** é utilizada ora em substituição ao infinitivo do verbo **to die** e ora em substituição ao passado simples desse verbo:

"... had a child that **dead** last night..." (fal. 20. O fal. 21 fez uso da forma apontada).

"She **dead** four years ago..." (fal. 38).

"He **dead** up there?" (fal. 31).

Só o informante **c** concordou ser influência das ilhas.

SUTCLIFFE também apontou a pronúncia de "die" como /ded/, no crioulo jamaicano britânico.²⁵

7) Há duas variantes de particípio:

a) a forma padrão:

"They was **satisfied** to see I speak..." (fal. 08).

"... that was **contracted** by the..." (fal. 06. O fal. 04 usou a forma citada).

b) um homônimo do presente:

"I never have **catch** malaria..." (fal. 6. Também observou-se essa forma no fal. 22).

8) A conjugação do verbo **TO BE** é feita da seguinte maneira:

a) no passado simples, **WAS** é usado para todas as pessoas:

"They **was** not pleased..." (fal. 04. Os fal. 17, 20 e 31 também seguiram essa forma).

"We **was** there yesterday" (fal. 8. A fal. 32 fez uso da forma apontada).

"I **was** there yesterday" (fal. 32).

"He **was** very sick last week". (fal. 38).

"You **was** here yesterday". (fal. 8).

b) no presente do indicativo, **IS** é usado para todas as pessoas:

"My parents **is** from..." (fal. 5).

"You **is** a low(er) class..." (fal. 6. O fal. 18 seguiu essa forma).

"They **is** there" (fal. 32).

"We **is** there" (fal. 22)

"Mary and John **is** here" (fal. 8).

"I **is** the youngest about them" (fal. 18).

"The 'televisão' **is** the best thing..." (fal. 32. Os fal. 5, 6, 20, 22 também usaram a mesma forma).

9) Ocorre a supressão do verbo **to be**:

a) de maneira sistemática diante do gerúndio e na indicação de idade, quando estiver na forma afirmativa:

1) "... you going in the water..." (fal. 3. Dados lingüísticos semelhantes foram encontrados entre os fal. 38 e 22).

2) "... as we working in a ..." (fal. 8).

3) "... that they going to get good and..." (fal. 18).

4) "I 52 years" (fal. 14).

Houve dúvida entre os informantes **a**, **b** e **c** dos exemplos nº 1, 2, 3 serem característica das ilhas.

Constatou-se esta mesma construção típica na língua badiana apresentada por WICKHAM²⁹:

"... you think I lying?" (p. 15).

"... we going have to sleep..." (p. 15).

A mesma situação foi encontrada no "Black English" americano vernáculo por HOOVER¹⁴ e TRUDGILL. Este ainda acrescentou que esta forma está presente no inglês crioulo do Caribe.²⁷

b) de forma esporádica com o verbo **to be born**:

"He born in..." (fal. 8).

"I born here..." (fal. 4. Forma semelhante foi encontrada no linguajar dos fal. 3, 8, 10, 21, 22, 23).

"I am born in 1920" (fal. 4).

"I didn't born yet". (fal. 4. Os fal. 10 e 22 usaram a mesma expressão).

O informante **c** acreditou que essa fosse uma característica das ilhas, enquanto que os outros dois demonstraram dúvida.

10) A contração **AIN'T** substitui as contrações da forma negativa do presente do indicativo dos verbos **to be** e do verbo auxiliar **to have**:

"Lord ain't going left me..." (fal. 21. Dado semelhante foi encontrado no fal. 23).

"I ain't got condition now..." (fal. 21. A fal. 31 também faz uso da forma).

"She ain't beautiful" (fal. 22).

Há esta mesma forma no falar barbadiano, descrito por WICKHAM:²⁹

"... we ain't in Trinidad..." (p. 15).

Também a série "Insight Guides" apresenta o mesmo dado:

"... de cold weather in England 'ent killin' yuh" (p.86).

"... 'cause dey 'ent got no respect... (p. 87).

"... nobody 'ent see she for a few months..." (p. 87).

"... muh eyes 'ent so good..." (p. 86).

Essa mesma característica foi encontrada no falar do inglês-não-padrão⁵ de Reading, Inglaterra (cf. CHESHIRE)⁵ e no "Black English" americano vernáculo, segundo TRUDGILL²⁷.

11) O infinito do verbo **TO HAVE** é substituído pela sua forma de passado após o auxiliar **DID**:

"I didn't **had**..." (fal. 20. Dados semelhantes foram encontrados entre os fal. 21 e 18).

"It didn't **had** no thief in..." (fal. 31).

"We didn't **had** money to live..." (fal. 22).

"I didn't **had** education" (fal. 3).

Não houve informação dos informantes **a, b, c**, sobre a procedência desse fato.

Esse dado linguístico é uma característica da língua barbadiana (cf. a série "Insight Guides"):

"So yuh know me-I did **had** to go" (p. 87).

12) Após uma preposição ocorre a forma do infinitivo, em vez do gerúndio:

"... after **start** the confusion..." (fal. 20).

"for **feed** them..." (fal. 23).

"... wrong for not **use**..." (fal. 20. Caso semelhante foi usado pelos fal. 10 e 22).

Só os informantes **a** e **b** concordaram que essa seja uma influência das ilhas.

13) Há a ocorrência da dupla ou múltipla negação:

"... she could **not speak not** the language..." (fal. 4).

"I **didn't** want to go back **no** more" (fal. 4. Caso semelhante foi visto entre os falantes 3 e 22).

"... **not** hurt nobody **no**..." (fal. 38).

"I **don't** have **nothing** more..." (fal. 3. Isto foi também observado entre os falantes 16, 20, 23).

"... but **don't** have **no** movement..." (fal. 8. Exemplo semelhante foi notado no linguajar do fal. 17).

"... because **nobody** living **no** more..." (fal. 22).

"... he **never** teach me **nothing**..." (fal. 6. O fal. 24 também usou essa forma).

"... luck that **not one** do me **nothing**..." (fal. 18).

"... **never** catch **not** a sickness..." (fal. 21).

Esse dado foi também mostrado nas sentenças barbadianas extraídas da série "Insight Guides":

"De sea **en'** got **no** back door". (en' = ain't) (p. 256).

"Yuh can't speak to **none** o' dem 'cause dey '**ent** got no respect and **no** shame neidder" (p. 87).

"But she vex 'cause she **didn't** get no invitation" (p.88).

"It **didn't** really **nothin'** to find fault..." (p. 88).

De acordo com SUTCLIFFE, esta é uma característica do "Black English" britânico, do crioulo jamaicano britânico e do inglês-não-padrão dos brancos, na Inglaterra.²⁵

BICKERTON também descreveu esse fato como peculiar as línguas crioulas do Havaí, Haiti, Jamaica, as Pequenas Antilhas, o Suriname, a Guiana, São Tomé, Ano Bom, Maurício, Rodrigues e Seychelles.²

TRUDGILL apresenta esta forma como peculiar ao "Black English" americano vernáculo.²⁷

Há mais um caso de múltipla negação quando a palavra **neither** é usada no lugar de **either**:

"... can't to it **neither**..." (fal. 31).

"... no, I don't go behind **neither**, no..." (fal. 33).

Os informantes a, b e c não foram questionados a respeito dessa característica.

A série "Insight Guides" mostrou essa mesma forma típica entre os falantes barbadianos:

"... 'cause dey 'ent got no respect and no shame **neidder**" (p. 87).

14) Há uma variante de pronome que pode ser usado como sujeito, objeto e possessivo:

"... not only call **them** attention..." (fal. 4).

"... that **them** can understand..." (fal. 6).

"... that pass in **she** days..." (fal. 20. Os fal. 18 e 21 usaram essa mesma forma).

"... was to take to **we**..." (fal. 8. O fal. 21 também usou essa forma).

"... she teach **we** to play..." (fal. 38. O mesmo fato linguístico foi observado no fal. 6).

"... home had **she** like a mother..." (fal. 38).

"... breaking **he** head..." (fal. 38).

"... in them days, after the Brazilians..." (fal. 20).

A série "Insight Guides" confirmou isto no linguajar barbadiano, como por exemplo: "we know", "tell we", "it is we book" (p. 251).

WARDAUGH também confirmou essa mesma característica entre as línguas crioulas e "pidgins".²⁸

15) Os pronomes reflexivos **ourselves**, **himself**, são substituídos pelas respectivas formas **weself**, **hiself**. Exemplos:

"The customs, the bad life that one with... bring on, it's true **hiself**, not God..." (fal. 38).

"... anyone with ages can't blame God for that, but blame **hiself** for life..." (fal. 38).

"... they had... was to take to we and keep for **hiself**..." (fal. 8).

Essa mesma característica estava presente na série "Insight Guides":

"Sometimes we old folk still find **weself** by the..." (p.88).

Mas, nestes próximos exemplos, os informantes **a**, **b** e **c** não os consideraram como características das ilhas. A autora acredita que não sejam nem influência do português, nem das ilhas, mas uma criação da comunidade estudada:

"... so I don't like to be a millionaire... prefer to be poor **self**..." (fal. 38).

16) O grau comparativo de superioridade dos adjetivos curtos é feito usando-se a palavra **more** seguida do adjetivo. Dá-se a impressão de que há um sufixo **er** após o adjetivo, mas pelas condições da gravação, não foi possível confirmar isso:

"... the days **more cool(er)** and..." (fal. 6. Os fal. 5, 8, 20, 22, 23, 24, 31 também fizeram uso desse dado lingüístico).

"... the constitution was **more strong(er)**, because..." (fal. 6).

"Today is **more hot** than yesterday" (fal. 22).

Somente o informante **c** confirmou ser essa uma característica das ilhas. A pesquisadora acredita ser influência do português.

17) Não há o uso do caso possessivo:

"... I went to know my **mother country**..." (fal. 21).

"... all the **man money** and left..." (fal. 31).

"... he born of my **mother side**..." (fal. 8).

Esse dado não foi perguntado aos informantes **a**, **b** e **c**.

Idêntica característica foi encontrada na série

"Insight Guides":

"... at the St. **Michael Cathedral**..." (p. 87).

"... remember **Bertha daughter** dat name..." (p. 87).

" dat yuh sister **Shirley daughter** staying..." (p. 87).

E também foi encontrada no artigo de WICKHAM.²⁹

"... I don't know the gentleman name..." (p. 15).

18) O artigo indefinido **an** é substituído pelo artigo indefinido **a**:

"... he is a engineer already..." (fal. 6. Os fal. 18 e 20 também usaram essa forma).

"... we could receive a attention..." (fal. 38).

Não foram pedidos aos informantes **a**, **b** e **c**, dados sobre esse item.

A série "Insight Guides" apresentou essas mesmas características:

"... but I did get a invitation ..." (p. 87).

"... did like a upside-down..." (p. 88).

"Dat been a eyesore..." (p. 88).

19) Os pronomes demonstrativos "**this/these**" são usados para se referir a uma pessoa desconhecida:

"... and say yes, **this** coming next day"..." (fal. 8. Dados semelhantes foram encontrados no linguajar do fal. 6).

"**These** that I don't even know" (fal. 8).

20) **Plenty** une-se ao substantivo seguinte sem a preposição **of**:

"He used to have **plenty** fish..." (fal. 20. Os fal. 22, 23, também usaram a forma).

"It had **plenty** movement from the station..." (fal. 4).

"... and in 'Iata' had **plenty** plantation..." (fal. 14).

"... **plenty** friends, **plenty** feasts..." (fal. 38).

"He work **plenty**" (fal. 8. Os fal. 5 e 6 também usaram a forma).

21) Nas conversações informais, as pausas entre as unidades comunicativas⁶ são marcadas por **and**:

"... the passage **and** everything **and** meal and house and everything..." (fal. 6).

"... he died there **and** I was small..." (fal. 8).

3.1.3 Formas Lexicais por Influência das Ilhas

1) O verbo **humbug** é usado com o significado de **disturb**:

"... could **humbug** the boys..." (fal. 20. O fal. 17 também usou essa palavra).

"You not need to be **humbug**... take it to the Lord" (fal. 18).

2) A forma verbal **study** é usada com o significado de **examine closely**:

"... and then I **studied** if he so small..." (fal. 38).

"Before I start to do anything, I **study** how I must do it" (fal. 8).

"I **study** plenty about that thing" (fal. 22).

"I **study** the business" (fal. 20).

3) Os predicados **have sense**, **get sense** ocorreram com o significado de **to become aware**:

"But after I get big and **had sense**..." (fal. 4).

"After I grow and **get sense** I believe that green is peace" (fal. 38).

"You don't study, you don't **have sense**" (fal. 22).

4) A expressão **school masters** é utilizada com o significado de **teachers**:

"... have more **school masters**..." (fal. 20. Encontraram-se as mesmas palavras no linguajar dos fal. 3 e 8).

5) A palavra **stranger** é utilizada com o significado de **foreigner**:

"... **strangers** to come do the work..." (fal. 4).

"... they want him more better than those outside ... the **strangers**..." (fal. 8).

"Any **stranger** that reach in the airport..." (fal. 22).

A série "Insight Guides" também apresentou a mesma palavra com esse mesmo significado:

"With an open mind and an attentive ear, any **stranger** to these shores..." (p. 252).

6) A palavra **bush** possui vários sinônimos. Na letra **a** significa **forest**; na **b** medicinal bush; na **c** **trees**; na **d** herb:

a) "I work in the **bush**..." (fal. 22).

b) "Have a **bush** here in Porto Velho and drink tea..." (fal. 22).

c) "Had enough **bush**..." (fal. 21).

d) "... medicine, so **bush** medicine..." (fal. 23).

Exemplo semelhante foi encontrado na série "Insight Guides":

"Every **bush** is a man..." (p. 256).

7) A palavra **body** é usada com o significado de **person**:

"... didn't pass because the body of the body didn't give to go in the house, but they only leave the window..." (fal. 31).

"Have send the **body** to do and..." (fal. 21).

Essa palavra também foi encontrada na série "Insight Guides":

"One **body** say he white, but yuh Aunt Cintie say... (p.88).

8) A palavra **so** ocorre em vários contextos em que não seria usada no inglês- padrão;⁷

"... car go quick **so**..." (fal. 4. Essa palavra também foi usada pelo fal. 5).

"... the train pass near **so** the car..." (fal. 4).

"Used to speak **so** English to us..." (fal. 4).

"He is **so** with me..." (fal. 8).

"... not **so** like mine..." (fal. 8.0 fal. 22 fez uso dessa palavra).

"... it wasn't had **so**..." (fal. 10).

"This time is difficult to bring **so** a child..." (fal.33).

"People pass **so** pieces bad..." (fal. 21).

"They **so** live to wordly things..." (fal. 6. Isto era peculiar no linguajar dos fal. 20, 23, 32, 33).

Na série "Insigth Guides" houve o emprego desses mesmos exemplos:

"... and tidyin' de house and **so** every mornin' ..."

(p. 86).

WICKHAM também apresentou os mesmos exemplos:

"This can't end **so** the chinless man answered" (p. 15).²⁹

9) A expressão **to walk in the way** é usada com o significado de **to walk correctly**:

"... and **to walk in the way** and..." (fal. 8. A fal. 38 também fez uso dessa expressão).

10) A expressão **track line** é usada com o significado de **track**:

"... km 1 on the side of **track line**..." (fal. 4. O fal. 22 também fez uso dessa expressão).

11) A palavra **nethen** é usada com o significado de **nothing**:

"People can't do **nethen** more" (fal. 31. Os fal. 23 e 32 também fizeram uso da forma descrita.

O informante **c** não concordou ser influência das ilhas.

12) A expressão **to raise your head up** é usada com o significado de **to sum up courage**:

"... you try to **raise you head up** to live..." (fal. 6).

"This boy have **to raise up is head**" (fal. 32).

13) A palavra **one time** é usada com o significado de **once**:

"One time with the airplane..." (fal. 4. O fal. 22 também fez uso da forma).

"I remember I have done so and so **one time**" (fal. 8).

14) A forma abreviada **grand** é usada para a palavra **grandmother**:

"... because my **grand** teach..." (fal. 22).

"My **grand** born in Barbados". (fal. 20).

Essa forma abreviada foi encontrada na série "Insight Guides" para indicar grandson:

"Give muh love to muh **grands** - How dey doin'..." (p. 88).

15) O verbo **to thief** é usado como **to steal**:

"... how the children **to thief**..." (fal. 21).

"The child **thief** the pencil" (fal. 20).

"They **thief** the watch" (fal. 32).

De acordo com WICKHAM essa é uma palavra típica do linguajar barbadiano:

"They don't ~~thief~~ in Barbados..." (p. 15). ²⁹

16) A expressão **before time** é usada com o significado de **in the early days**:

"I find that **before time** our parents... a lot things that we should know... they never teach us ..." (fal. 5).

"... call them Barbadian and **before time** used to trouble..." (fal. 6).

"Before time it was always hot..." (fal. 14. Os fal. 20, 38 e quase todos os falantes).

17) As expressões **foreday morning/foreday** são usadas com o significado de **in the dawn/before the break of the dawn**:

"Foreday morning to go and to get the beef..." (fal. 23).

"Foreday had a flight" (fal. 32).

"Foreday morning I wake up. It was about one to two o' clock" (fal. 8. A fal. 38 também usou a forma).

18) A palavra **breakfast** é usada com o significado de **lunch time**:

"... after midday go with them to the **breakfast**, then rest..." (fal. 38. Exemplos semelhantes foram encontrados entre os falantes 10, 17, 18, 22, 33).

19) A palavra **evening** é usada com o significado de **afternoon**:

"Well, in the morning we call take coffee. In the **evening** we call breakfast ... in the night we call dinner" (fal. 17. Os fal. 8 e 22 também fizeram uso dessa forma).

"Three o' clock of the **evening** I will meet up you" (fal. 32).

20) O verbo **to come out** recebeu vários significados, como se vê nos exs. a 2 took out; ex. b = moved; ex. c = pulled out; ex. d = came back; ex. e = appear:

a) "... somebody put the car inside and I **come out** my car to the hospital" (fal. 18).

- b) "He used **to come out** the lines and many time I **come out** the line for the reason that the engine used to open the railroad..." (fal. 18. A fal. 38 também fez uso dessa mesma forma).
- c) "I had the teeth to **come out**, because..." (fal. 8).
- d) "... never **come out** in my again..." (fal. 3. A fal. 38 também fez uso dessa forma).
- e) "...For me is this one here that used **to come out** in the radio every day" (fal. 31. A fal. 38 também fez uso da mesma forma).

21) A palavra **next** é usada com o significado de **other/another**:

"They belong **to next** country..." (fal. 4. Exemplos semelhantes foram encontrados entre os fal. 6 e 17).

"... to wait for engine in a **next** place was not right..." (fal. 22. Os fal. 8 e 20 também fizeram uso dessa palavra).

"Look the question of we **next** brother..." (fal. 31. Os fal. 5 e 38 e quase todos os falantes utilizam essa palavra).

22) A palavra **shame** é usada com o significado de **ashamed**:

"I was little **shame**, 'né'?" (fal. 8. O fal. 21 também fez uso da forma).

"She was **shame**" (fal. 32. O fal. 8 também usou a forma).

23) A expressão **today day/date** é usada com o significado de **nowadays**:

"... and I **today date/day**, I feel..." (Fal. 8 e quase todos os falantes).

24) O verbo **to learn** é usado com o significado de **to teach**:

"I want **to learn** my son speak English..." (fal. 17. A fal. 33 também fez uso da forma).

Só o informante c afirmou ser influência das ilhas.

Os dados acima foram retirados do "corpus", porém os descritos abaixo foram retirados da série "Insight Guides" e o seu uso na comunidade estudada foi confirmada pela falante nº 38.

a) "**to be ignorant**"= na língua barbadiana significa "**very aggressive**". (p. 252)

b) "A woman has **gone cross**" = na língua barbadiana significa "when she **is pregnant**". (p. 252)

c) "Outside of the law courts, being **malicious**" = "one is **inquisitive or nosy**". (p. 252)

d) "**Come out** of my bag, you too malicious" = neste contexto "**come out of**" significa "do not look into" ou "**take your hand out of**". (p. 252)

e) "**pencil**"= "black lead". (p. 252)

f) A palavra "**mind**" recebe vários significados nos seguintes contextos:

"**Mind** this child 'till I come back"= "**take care**". (p.252)

"Don't **mind** she" = "**ignore**" (p. 252)

"**Mind** you' mout" = "**be careful** about what you say". (p.252)

g) Os provérbios abaixo também fazem parte do linguajar barbadiano:

"De sea en' got no back door" = "The sea is not a safe place" (p. 256).

"Ole stick o' fire don't tek long to ketch back up" =
 "It doesn't take long for two people tho have been
 lovers to become lovers again" (p. 256).

"De more yuh peep, de less yuh sih" = "People will
 devise ways to fool those who try to spy on them" (p.
 256).

"Talk does mek talk" = "It is best to stay silent when
 someone tries to pick a quarrel" (p. 256).

"Duppy know who to frighten" = "People will take
 advantage of those known to be weak (Duppies are spirits
 of the dead)" (p. 257).

"De higher de monkey climb, de more 'e show' e tail" =
 "The more one shows off, the more one's faults are
 brought into the open" (p. 257).

"Two smart rat can't live in de same hole" = "Two
 tricksters can't get along" (p. 257).

"De new broom sweep cleaner, but de olebroom know de
 corners" = "Both the new and the familiar have their
 advantages (Used in a sexual context)" (p. 257).

h) "Tell me" = a pronúncia de "me" é realizada como
 "muh" (p. 257).

3.1.4 Formas Gramaticais por Influência da Língua Portuguesa

Os desvios do inglês-padrão abaixo não foram classifica-
 dos como influência das ilhas pelos informantes **a**, **b** e **c**, e es-
 tão aqui baseados na intuição da autora.

1) O substantivo é seguido imediatamente pelo adjetivo:

"... the thing **ugly**..." (fal. 33).

"... now is a place **good**..." (fal. 21).

"... all the **part positive** was..." (fal. 16).

"... people pass so **pieces bad**..." (fal. 21).

2) As expressões relacionadas com idade são utilizadas da seguinte maneira:

a) a preposição "**of**" é omitida da expressão "**of age**";
 "I am 67 age".

b) a palavra "**old**" é omitida da expressão "**years old**";
 "... because she had 83 years..."
 "I 52 years".

Os informantes a, b e c não foram inquiridos sobre o item.

3) O verbo **To be** é substituído pelo verbo **To have** nas expressões relacionadas com idade:

"... because she **had** 83 years..." (fal. 20. Os fal. 14 e 22 usaram essa palavra).

4) Há omissão do sujeito nestes exemplos:

"She married with my father here in Porto Velho. Had three children" (fal. 21).

"Is a school that make..." (fal. 20).

"Is not possible to find gold" (fal. 5. Os fal. 3, 4, 6, 8 e 22 fizeram uso dessa forma).

5) Há o uso da preposição **IN** em vez de **ON**:

"... he get sick **in** the work..." (fal. 20. O fal. 22 também usou a forma).

"... **in** the railroad..." (fal. 20. Os fal. 18 e 22 também usaram a forma apontada).

O mais provável é que essa característica não seja nem influência do português, nem das ilhas, mas uma criação da comunidade estudada.

6) A palavra **good** é utilizada como advérbio em lugar de **well**:

"I can not remember **good** the year..." (fal. 18. Os fal. 4, 8, 10, 14, 38 fizeram uso dessa palavra).

"Live **good** in my time..." (fal. 4. Também foram usadas pelos fal. 16, 17 e 18).

"We can't understand too **good**..." (fal. 38).

"... we not understand **good** how..." (fal. 18).

Os três informantes ficaram em dúvida quanto à origem dessa característica.

3.1.5 Formas Lexicais por Influência da Língua Portuguesa

1) O verbo **have** é usado com o significado de **there is/are**:

"... but don't **have** no movement..." (fal. 8).

"... where **have** money, **have** confusion..." (fal. 8. A fal. 38 fez uso da mesma forma).

"**Have** a bush here in Porto Velho..." (fal. 22).

"... **have** somebody in there..." (fal. 6. Os fal. 3, 10 e 20 também fizeram uso da forma).

"... in the morning **have** plenty indians..." (fal. 17).

2) Um item léxico do português é transformado para ser semelhante ao inglês:

"... I am a **torner**..." (fal. 20).

"... know to **aproveit** the..." (fal. 8. O fal. 17 também fez uso da forma).

"... getting more **civilation**..." (fal. 8).

"I **custom** before breakfast..." (fal. 14. A fal. 16 também usou a forma).

"I have plenty **solicit** to speak..." (fal. 22).

"... this **ferrament** was..." (fal. 24).

"I have to count a story..." (fal. 17).

"... have to **entend** the man..." (fal. 32).

3) O verbo **To find** é usado com o significado de **To think**:

"I **find** that anyone with ages..." (fal. 38).

"I **find** plenty difficult..." (fal. 6. A fal. 23 também usou a forma).

"So, I **find** that before, the time was better than now" (fal. 5 e quase todos os fal. da comunidade).

4) **To take account** é traduzido provavelmente como **tomar conta**:

"After he came and **take account** here..." (fal. 8. A fal. 21 e quase todos os falantes).

"... to go work to have to **take account** to the children..." (fal. 21).

5) a forma verbal **take coffee** é usada como **breakfast**:

"Well, in the morning, we call **take coffee**..." (fal. 17. O fal. 22 também usou a forma).

3.1.6 Questões Fonológicas

O levantamento a seguir foi baseado em observações fonológicas isoladas e não constituíram um estudo sistemático da fonologia. Foram mostradas as diferenças mais óbvias pelas gravações, sem se fazer uma análise detalhada das mesmas.

O símbolo fonêmico /e/ é aqui utilizado com o valor do fonema vocálico da palavra **bet**.

O símbolo fonêmico /ə/ é aqui utilizado com o valor do fonema vocálico átono da palavra **ago**.

O símbolo fonêmico /i:/ é aqui utilizado com o valor do fonema vocálico da palavra **tea**.

O símbolo fonêmico /æ/ é aqui utilizado com o valor do fonema vocálico da palavra **man**.

O símbolo fonêmico /ɪ/ é aqui utilizado com o valor do fonema vocálico da palavra **it**.

1) Os verbos **To take** e **To make** apresentam pronúncia peculiares:

TAKE /tek/ (fal. 14, 20, 21, 31).

MAKE /mek/ (fal. 4, 8, 14, 20, 21, 31).

Os informantes **a**, **b**, **c** não foram inquiridos sobre esse item.

A série "Insight Guides" apresentou exemplos com a mesma pronúncia:

"Ole stick o' fire don't tek lon go ketch..."

"Talk does mek talk".

SUTCLIFFE afirmou existir essas mesmas características dentro do crioulo jamaicano britânico.²⁵

2) A palavra **beer** recebe a seguinte pronúncia: /ber/ (fal. 8).

Os informantes **a, b, c** não foram inquiridos sobre esse item.

3) Não há fricativa interdental surda e sonora. Estes sons representados por "th" são substituídos por "t" e "d", respectivamente, em posição inicial:

"The /də/ city grow..." (fal. 14, 31, 32, 33).

"Three /tri:/ times" (fal. 20).

"That" /dæt/ (fal. 20).

"Them" /dem/ fal. 20).

Os informantes **a, b, c**, não foram inquiridos sobre esse item.

No falar barbadiano, além de "t" e "d", são encontrados f, v, z ou k (cf. série "Insight Guides"):

<u>Inglês</u>	<u>Barbadiano</u>
breathe	breav
with	wit/wid/wif
clothe	cloze/clove
think	t'ink
the	de
strengthen	strengken/strengfen

TRUDGILL comentou que, no "Black English" americano vernáculo, além das posições iniciais de /t / para /θ/ e /d/ para /ð /, em outras posições, eles se tornam /f/ e /v/, respectivamente. Ele também acrescenta que esta característica está presente em outras variedades britânicas e na fala dos brancos de Kentucky.²⁷

4) O fonema /k/ é realizado por [ky] em certos contextos:

"Car" [kyar] (fal. 4, 6, 20, 22).

"Carry" [kyarɪ] (fal. 31, 32, 33).

Os informantes a, b, c não foram inquiridos sobre esse item.

SUTCLIFFE afirmou existir essa mesma característica no crioulo jamaicano britânico.²⁵

5) Há desaparecimento da vogal átona inicial:

"Had 'nough bush..." (fal. 21).

"Had 'nough mud..." (fal. 33).

"What I like 'nough to do is to..." (fal. 32).

Só os informantes a e b concordaram ser influência das ilhas; o c ficou em dúvida.

Outros exemplos:

"He used to be more 'fraïd our parents..." (fal. 16).

"The plane stick down "gainst the railroad..." (fal. 20).

Essa última característica ficou também registrada no linguajar barbadiano (cf. série "Insight Guides").

"... yuh feet 'gainst de cold".

Só o informante a confirmou ser essa uma característica das ilhas, porque foi o único a levantar essa questão.

3.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Para iniciar este capítulo, faz-se necessário esclarecer que os dados foram obtidos através das respostas ao questionário (vide Anexo nº 1) e das entrevistas gravadas. Houve certas discrepâncias nas respostas que serão apontadas durante a discussão dos dados.

Procurou-se demonstrar pelos dados sociolingüísticos que houve uma mudança de código na comunidade estudada e os resultados obtidos pela variável **geração** ajudaram na comprovação dessa afirmação.

Para se obter os resultados referentes a esse fator, foram feitas perguntas aos informantes da 1.^a e 2.^a gerações sobre a língua que mais usavam com determinados interlocutores e em determinadas situações. As respostas foram compiladas nas Tabelas 4 e 5 (vide p. 72 e 73).

Notou-se na 1.^a geração a total ausência dos interlocutores nº 5 e 6 por serem falecidos e, com isso, a comparação com a 2.^a geração foi impossível de ser feita.

O mesmo fato ocorreu com a 2.^a geração, no interlocutor nº 12, porque os informantes selecionados ainda não tinham netos.

Juntando-se novamente todos os dados da pesquisa na tabela nº 6 (vide p. 74), obtiveram-se os seguintes resultados:

a) o total de 284 respostas da 1.^a geração, sendo 186 para a língua portuguesa e 98 para a língua inglesa, que correspondem respectivamente a 65,4% e 34,5%, representados no gráfico nº 01.

TABELA 4. LEVANTAMENTO GERAL DAS RESPOSTAS EM EXPRESSÃO ORAL DOS INFORMANTES DA 1.^a E 2.^a GERAÇÕES CONSIDERANDO INTERLOCUTORES, EM PORTO VELHO-RO, NO PERÍODO DE NOVEMBRO 87 À MARÇO DE 1988

Domínios		Família																								Religião																							
Interlocutores		1			2			3			4			5			6			7			8			9			10			11			12			13			14			15			16		
Língua		P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA						
1. ^a geração	f	0	6	21	0	9	18	15	4	8	10	12	5	0	0	27	0	0	27	8	12	7	3	13	11	18	3	6	2	0	25	12	4	11	7	1	19	19	8	0	16	0	11	6	10	11	22	5	0
	%	0	22	78	0	33	67	55	15	30	37	44	19	0	0	100	0	0	100	30	44	26	11	48	41	67	11	22	7	0	93	44	15	41	26	4	70	70	30	0	59	0	41	22	37	41	81	19	0
2. ^a geração	f	20	0	7	22	1	4	9	0	18	10	0	17	2	0	25	3	0	24	22	3	2	21	3	3	10	0	17	24	0	3	23	4	0	0	0	27	25	0	2	7	0	20	7	0	20	24	3	0
	%	74	0	26	81	4	15	33	0	67	37	0	63	7	0	93	11	0	89	82	11	7	78	11	11	37	0	63	89	0	11	85	15	0	0	0	100	93	0	7	26	0	74	26	0	74	89	11	0

Interlocutores:

- | | |
|---------------------------------------|----------------------------------|
| 1) pai | 9) esposo(a) |
| 2) mãe | 10) tios(as) |
| 3) esposo(a) com filhos(as) presentes | 11) primo(as) |
| 4) filho(as) | 12) neto(as) |
| 5) avô | 13) refeições |
| 6) avó | 14) pastor |
| 7) irmão(s) | 15) pessoas das ilhas após culto |
| 8) irmã(s) | 16) Deus |

Legenda geral:

- NA = não aplicou (por falecimento, o fal. não tem aquele interlocutor na situação, sem relacionamento)
P = Português
I = Inglês
f = frequência
% = porcentagem

TABELA 5. LEVANTAMENTO GERAL DAS RESPOSTAS EM EXPRESSÃO ORAL DOS INFORMANTES DA 1.^a E 2.^a GERAÇÕES, CONSIDERANDO INTERLOCUTORES EM PORTO VELHO-RO, NO PERÍODO DE NOVEMBRO 87 À MARÇO DE 1988

Situações		1			2			3		
Língua		P	I	NA	P	I	NA	P	I	NA
1. ^a geração	f	20	7	0	7	2	18	21	2	4
	%	74	26	0	26	7	27	78	7	15
2. ^a geração	f	25	0	2	23	0	4	24	3	0
	%	93	0	7	85	0	15	89	11	0

Situações: 1) irritado(a)
2) palavrões
3) piadas

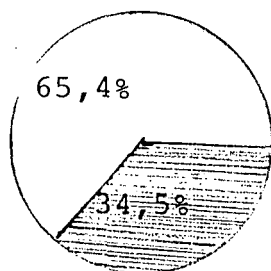
Legenda geral:

NA = não aplicou (por falecimento, o fal. não tem aquele interlocutor ou situação, sem relacionamento)
P = português
I = inglês
f = frequência
% = porcentagem

TABELA 6. DEMONSTRAÇÃO DAS RESPOSTAS EM EXPRESSÃO ORAL NA 1.^a E 2.^a GERAÇÕES, CONSIDERANDO INTERLOCUTORES E SITUAÇÕES

Nº	Interlocutores e Situações	1. ^a Geração				2. ^a Geração			
		Português		Inglês		Português		Inglês	
		f	%	f	%	f	%	f	%
1	Pai	0	0	6	22	20	74	0	0
2	Mãe	0	0	9	33	22	81	1	4
3	Esposo(a) com filhos(as) presentes	15	55	4	15	9	33	0	0
4	Filhos(as)	10	37	12	44	10	37	0	0
5	Avô	0	0	0	0	2	7	0	0
6	Avó	0	0	0	0	3	11	0	0
7	Irmão(s)	8	30	12	44	22	82	3	11
8	Irmã(s)	3	11	13	48	21	78	3	11
9	Esposo(a)	18	67	3	11	10	37	0	0
10	Tios(as)	2	7	0	0	24	89	0	0
11	Primo(as)	12	44	4	15	23	85	4	15
12	Neto(as)	7	26	1	4	0	0	0	0
13	Refeições	19	70	8	30	25	93	0	0
14	Pastor	16	59	0	0	7	26	0	0
15	Pessoas ilhas após culto	6	22	10	37	7	26	0	0
16	Irritado	20	74	7	26	25	93	0	0
17	Palavrões	7	26	2	7	23	85	0	0
18	Piadas	21	78	2	7	24	89	3	11
19	Deus	22	81	5	19	24	89	3	11
Total		186	687	98	362	301	1115	17	63

GRÁFICO 1.



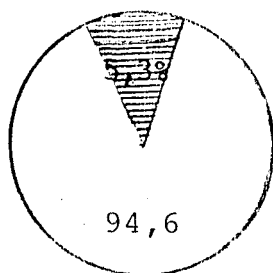
Legenda:

□ = português

▨ = inglês

b) o total de 318 respostas da 2.^a geração, sendo 301 para a língua portuguesa e 17 para a língua inglesa, que correspondem respectivamente a 94,6% e 5,3%, representados no gráfico nº 02.

GRÁFICO 2.



Legenda:

□ = português

▨ = inglês

Pode-se, portanto, afirmar que, no relacionamento dos informantes com os vários interlocutores e situações, houve uma acentuada mudança de bilingüismo na 1.^a geração (filhos de nativos) com predomínio da língua portuguesa, para um alto monolinguismo em português na 2.^a geração.

Esses dados são compatíveis com o modelo geral de mudança de código para grupos de imigrantes apresentado por APPEL & MUYSKEN:

The first generation (born in the country of origin) is bilingual, but the minority language is clearly dominant, the second generation is bilingual and either of the two language might be strongest, the third generation is bilingual with the majority language dominating, and the fourth generation only has command of the majority language (p. 42).¹

Como a 1.^a geração do modelo apresentado corresponde aos nativos desta pesquisa, faz-se necessário esclarecer que eles não foram alvo de estudo, pelos motivos apresentados na introdução geral deste trabalho. Os informantes da 1.^a geração se enquadram dentro do modelo como 2.^a geração. Como a 3.^a geração do referido modelo corresponde à 2.^a geração da pesquisa, deve-se observar que essa última é praticamente monolíngüe na língua majoritária. Os próprios autores acima citados reconhecem que esse modelo pode ser diferente para determinados grupos de imigrantes, porque devem levar-se em consideração os fatores que causam a mudança de código.

O próprio depoimento dos informantes vem reforçar os resultados encontrados quando afirmaram que a avô ou o avô falavam a língua inglesa e o fato de terem mudado de cidade ou falecido, fez com que os falantes não a praticassem mais (cf. fal. 11, 13, 26, 45 e filhos do fal. 8). Encontrou-se uma exceção entre os irmãos da fal. 38, uma das famílias onde ainda há o domínio da língua inglesa. Segundo os falantes 2, 7, 10, 25, o pai e a mãe, ou somente um deles, eram incentivadores da conversação em inglês, mas, por terem falecido, interrompeu-se o aprendizado. As falantes 40 e 41 que são irmãs, reforçaram essa afirmação, embora os pais não fossem nativos das ilhas. O falante 18 e seus irmãos lembraram também os mesmos motivos, porém ainda dominavam a língua inglesa.

Os modelos de GILES *et alii* sobre os fatores estruturais que influenciavam a manutenção e mudança de código (cf. revisão da literatura) e a teoria das redes de comunicação social apresentada principalmente por BORTONI-RICARDO (cf. revisão da literatura) e o conceito de FISHMAN sobre "domínio" (cf. revisão da literatura) contribuíram para explicar a mudança de código.

FISHMAN afirmou que a alocação dos códigos a domínios distintos é essencial à manutenção compartimentalizada de cada variedade. Ao ilustrar a relação das variedades nos domínios, com os passos sucessivos da aculturação de imigrantes, ele constatou que a língua nativa ia sendo substituída pela língua majoritária em todos os domínios, exceto nos locais mais particulares. Estes eram os últimos domínios onde a língua nativa ainda permanecia.¹¹

Pelos resultados obtidos nas Tabelas 4 e 5, observou-se um crescente monolingüismo em português, pelo fato desta língua estar predominando mesmo nos últimos domínios em que a língua nativa permanecia: na família, situações mais particulares como palavrões, irritado(a), piadas e em conversas com Deus.

Entre as razões para a mudança de código, encontram-se as citadas por GILES *et alii* que serão descritas abaixo:

1) O "**Status**" Social do grupo, que aqui se refere a sua própria auto-estima e que geralmente é a mesma que lhe foi atribuída pelo outro grupo, depende amplamente do seu "status" econômico. Nele estão incluídas a discriminação racial e a atitude dos falantes em relação à comunidade estudada.¹³

- Discriminação Racial

O fato de os falantes pertencerem a um grupo étnico que sofria discriminação racial provocou em seus membros uma rejeição às suas origens e conseqüentemente ocorreu a mudança de código.

Essa rejeição foi confirmada pelos falantes nº 20, 38 e a irmã da falante nº 42. Eles comentaram que o fato de os membros da comunidade serem de cor e de não terem orgulho de sua origem e de suas tradições, provocou a perda da língua inglesa. A falante nº 38 ainda acrescentou que muitos preferiam ser jamaicanos a barbadianos, porque os primeiros eram mais prestigiados pela música, famosa no mundo todo.

O falante nº 8 e os filhos dos falantes e e 17 eram chamados "barbadianos" e segundo o jornal JUNIOR CARIBBEAN esse era um apelido que todos os negros antilhanos recebiam, porque a maioria tinha vindo de Barbados.¹⁶ Já SOUZA mostrou que "barbadiano" era uma palavra usada pejorativamente pelos alemães para designar os negros de Barbados, porque os odiavam. Esse nome então ofendia a alguns membros da comunidade, visto que havia também descendentes de granadinos dentro da comunidade.²³

Os falantes 6 e 16 ainda complementaram que ser "barbadiano" significava pertencer à classe "baixa" e ser um indivíduo com "pouco valor". Isto se refletia na decisão dos brasileiros ao escolherem entre um barbadiano e um "native" (termo que designa os brasileiros) para ocupar um cargo. Mesmo que o barbadiano tivesse mais qualidades, o "native" é que era o escolhido.

If you was Barbadian, you is a lower class, so Brazilian "vale" more. (fal. 16).

They will know that you is a better trademan than the Brazilian, but they put us aside, because my father is from Grenada... they call you from Barbados, so they take you out and put one native in the place... years ago, so that's why children didn't want to speak English, because this thing . (fal. 6).

O falante nº 8 ainda desabafou que os brancos discriminavam os negros e não se sentavam à mesa para conversar com ele como o fez a autora desse trabalho. Achava que os brancos se consideravam superiores aos negros.

... you think they have plenty Brazilians, because they white, more fair than I. They don't want to make and sit down here in the table and drink "guaranã" or beer with them, playing like you. (fal. 8).

- Atitude dos Falantes em Relação à Comunidade Barbadiana e Granadiana

TABELA 7. ATITUDE DOS FALANTES QUANTO À COMUNIDADE BARBADIANA E GRANADINA

Positiva	Negativa	Não sei
44	5	5

Os resultados desta pesquisa (confira tabela nº 7) demonstraram que a maior parte dos falantes tinham um julgamento positivo da comunidade estudada, apesar do depoimento contrário de cinco informantes. Um deles, a falante 2 afirmou que muitos descendentes dos ilhéus eram orgulhosos e rejeitavam o

grupo. Já o falante 46 acreditou . não haver bom relacionamento entre as pessoas da comunidade, classificando-os como "fechados". A falante 38 acredita que a má transmissão da cultura ilhoa fez com que não houvesse motivação suficiente para que muitos integrantes do grupo fossem às reuniões promovidas pelo grupo de senadores e jornalistas de Barbados que estiveram em Porto Velho, especialmente para resgatar alguns fatos da comunidade barbadiana.

Segundo SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos para a sua perda.²¹ Entretanto, as pessoas desta comunidade tinham esse sentimento positivo para com seu grupo e, apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada.

Como a atitude dos falantes não é objeto principal deste estudo, o questionário não foi especificamente preparado para este ponto e, por isso, as deduções feitas sobre as poucas informações recebidas não são inteiramente confiáveis.

2) O "Status" da Língua: esse pode ser um fator importante nas comunidades bilíngües, segundo GILES *et alii* . A atitude de um grupo em relação a sua língua nativa é também um importante fator. Se o grupo estiver emocionalmente ligado a sua língua e tiver orgulho de sua herança cultural e literária, ele fará esforços para mantê-la e passá-la para seus filhos.¹³

APPEL & MUYSKEN acrescentam que um grupo minoritário que fala uma língua não estandardizada e/ou modernizada, terá atitudes negativas contra ela. Exemplo disto foi o crioulo haitiano falado em Nova York. O que contribuiu também para o "status"

baixo de uma língua é o fato de o grupo minoritário falar o dialeto da respectiva língua. Neste caso, citam-se os falantes de espanhol no Sudoeste dos Estados Unidos que vêem sua língua como "somente um dialeto" ou um tipo de "gíria" e não como uma língua "real".¹

Os dados abaixo servem para confirmar esses comentários.

O falante nº 17 confidenciou que alguns brasileiros consideram o inglês "americano" como o mais "correto" e que o falado pelos membros da comunidade não tem essa característica, além de ser "não gramatical":

... a lot of people, they find that we could speak English to the slaves, that we as negroes, as Bajan have this quality and that they find that they have the grammatical English and we have the English that is not right, so they find that we speak bad English, because if they have American English or Bajan English they want us to tell that quality of English we speak for they find very... they like the English American. I want to learn my son to speak English, but grammatical English, not the quality that I learn. (fal. 17).

Os próprios falantes 1, 8, 16 e 20 também consideram seu inglês "não gramatical" e por isso não o ensinaram aos filhos.

... because I find that my English wasn't good, so I never pass to my children what I know about English. I find that my English was from the farm, not grammatical English. We receive from our parents... that the reason. (fal. 16).

Havia também uma "vergonha" de falar a língua inglesa entre os filhos dos falantes 31 e de muitas pessoas da comunidade (conforme depoimentos dos fal. 21, 22).

... I never went to learn... talk with
my mother talk, ain't know to speak English.
Some don't talk "porque" they are shame...
some like. (fal. 21).

A língua materna da comunidade chegou até a ser considerada pelo falante 05 e pelas irmãs da falante 30, como um empecilho para a aprendizagem do português, causadas pela interferência de estruturas da língua inglesa.

I teach them first the Portuguese. After
they could learn the English. They make
the confusion between the verb and
pronoun. (fal. 5).

Comentando esse fenômeno, SAVILLE-TROIKE afirma que um forte indício para a perda da língua é não verem os pais motivos para transmitir a língua minoritária a seus filhos e a considerarem um empecilho para a educação e desenvolvimento dos mesmos.²¹

3) Os **Casamentos interétnicos ou mistos**, apesar de não agirem da forma exclusiva, constituíram também um fator importante no processo de perda da língua nativa (cf. PULTE, 1979 e MC LENDON, 1978, na revisão da literatura).

Para fazer este levantamento, a autora valeu-se da observação participante, de gravações lingüísticas, e do questionário escrito em que se classificaram os falantes pelas condições de manterem uma conversação fluente na língua inglesa aprendida em casa, visto que não havia uma pergunta específica para obter esses dados.

Como conclusão, foi observado que a comunidade apresentava certas tendências que serão apresentadas a seguir:

- a) os informantes com descendência "pura" (pai e mãe antilhanos) representaram o contingente que mais dominava a língua materna, numa proporção de 73% (11 pessoas) contra 27% (4 pessoas) da língua portuguesa;
- b) quando os informantes pertenciam à seguinte categoria: pai antilhano x mãe brasileira com descendência antilhana e pai brasileiro com descendência antilhana x mãe brasileira com descendência antilhana, havia o predomínio da língua inglesa, numa proporção de 53% (8 pessoas) contra 47% (7 pessoas) da língua portuguesa. Deve ser esclarecido que no primeiro caso, a transmissão da língua inglesa foi responsabilidade da avó dos informantes e não dos pais. Já no segundo caso, havia um maior domínio da língua portuguesa;
- c) os informantes com descendência mista foram incorporados dentro das seguintes categorias:
- Pai brasileiro com descendência antilhana x mãe brasileira sem descendência;
 - Pai brasileiro sem descendência antilhana x mãe brasileira com descendência;
 - Mãe antilhana x pai de outra nacionalidade que não a brasileira e sem descendência;
 - Pai brasileiro com descendência antilhana x mãe de outra nacionalidade que não a brasileira e sem descendência;
 - Pai antilhano x mãe de outra nacionalidade que não a brasileira e sem descendência;

Os resultados foram de 96% (23 pessoas) com domínio em língua portuguesa e 4% (uma pessoa) com domínio em

língua inglesa, não fazendo diferença o fato de ser brasileiro com e sem descendência, ou mesmo pertencente a outras nacionalidades, o homem ou a mulher. Os próprios falantes nº 8, 12, 17, 18, 20, 29, 34, 35 e 36 também concordaram com esses fatos nos seus depoimentos.

4) **Religião:** quando a língua minoritária for também hierática, a religião será um fator favorecedor para a manutenção dela, segundo GILES *et alii*.¹³

MACKEY também acrescenta que uma pessoa bilíngüe pode se tornar fluente em uma língua por razões puramente religiosas.¹⁸

Nesta comunidade, verificou-se pelos resultados da Tabela nº 4, que este fator não influenciou na manutenção da língua inglesa pelo fato de a mesma não ser usada quando o interlocutor era Deus, o pastor e as pessoas das ilhas após o culto. Quando os falantes da 1.^a geração se dirigiam a Deus, 81% (22 pessoas) usavam o português e 19% (5 pessoas) o inglês. Na 2.^a geração, 89% (24 pessoas) usavam o português e 11% (3 pessoas) o inglês. Quando o interlocutor era o pastor, entre os falantes da 1.^a geração, 59% (16 pessoas) eram usuárias de língua portuguesa e 0% da língua inglesa. Entre os falantes da 2.^a geração, havia 26% (7 pessoas) usuárias da língua portuguesa e 0% da língua inglesa. Quando os interlocutores eram pessoas das ilhas após o culto, entre a 1.^a geração constatou-se 22% (6 pessoas) usuárias do português e 37% (10 pessoas) do inglês. Na 2.^a geração, 26% (7 pessoas) usavam o português e 0% o inglês.

5) Educação e meios de comunicação: embora a língua inglesa - padrão estivesse presente na educação e meios de comunicação, isto não favoreceu sua manutenção, porque os falantes não a identificavam como sendo a mesma língua.

Além dos fatores apresentados, SAVILLE-TROIKE ainda acrescenta o **papel das mulheres** na comunidade como forte fator de manutenção/mudança de código.²¹ Para checar este fator observou-se a distribuição de fluentes e não fluentes em língua inglesa, entre o sexo feminino e masculino. Esta foi realizada durante a observação participante e as entrevistas gravadas (cf. tabela nº 8).

TABELA 8. DISTRIBUIÇÃO DE FLUENTES E NÃO FLUENTES EM LÍNGUA INGLESA

Geração	Sexo	Inglês		Português	
		f	%	f	%
1. ^a	Masculino	10	77	3	23
	Feminino	7	50	7	50
2. ^a	Masculino	0	0	13	100
	Feminino	3	21	11	79

Neste trabalho, observou-se somente a diferença entre os sexos da 1.^a geração, porque a 2.^a geração era praticamente toda monolíngüe em português.

Os resultados foram os seguintes:

- Eram fluentes em inglês, 77% (10 pessoas) do sexo masculino contra 50% (7 pessoas) do sexo feminino;

- Havia 23% (3 pessoas) do sexo masculino contra 50% (7 pessoas) do sexo feminino, fluentes sô em português.

Assim, entre os informantes da 1.^a geração desta comunidade, as mulheres, comparadas aos homens, revelaram um índice ligeiramente superior em relação ao número de usuários da língua portuguesa.

Os resultados foram de encontro aos estudos feitos por SMITH e SAVILLE-TROIKE. Esta constatou que as mulheres bilíngües, instruídas e que participam do comércio ou outras atividades externas, contribuem para a mudança de código²¹. SMITH concorda que, entre as mulheres fluentes em mais do que uma língua ou dialeto, há a adoção da língua dominante antes dos homens.²²

Apesar de os fatores terem sido apresentados separadamente, GILES *et alii*¹³ e APPEL & MUYSKEN¹ comentam que esses fatores e sub-fatores podem ser fortemente correlacionados. FASOLD ainda acrescenta que é impossível fazer uma previsão de mudança ou manutenção de código com os fatores apresentados, porque a comunidade pode estar exposta a fatores onde a mudança ocorra, mas acaba mantendo a língua.⁸

APPEL & MUYSKEN salientam que os fatores estruturais do modelo de GILES *et alii* não influenciam diretamente a manutenção/mudança de código, mas sim indiretamente, via variáveis intermediárias.¹ Dentro delas estão incluídas as redes de comunicação social descritas por BORTONI-RICARDO.⁴

Aplicou-se a teoria das redes de comunicação social para saber se poderia explicar os dados obtidos. Pelas respostas ao questionário, montou-se a Tabela 9 para se ter uma idéia do contato dos falantes entre si e a freqüência desses encontros.

TABELA 9. CONTATO DOS INFORMANTES ENTRE SI

Frequência	V ₁		V ₂		V ₃		T ₁		T ₂		T ₃		Total		Bras.s/ desc.	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
1. ^a geração	5	18	3	11	1	4	3	11	1	4	0	0	13	48	14	52
2. ^a geração	1	4	1	4	0	0	0	0	1	4	0	0	3	11	24	89

Legenda:V₁ = às vezes com um descendente dos ilhéusV₂ = às vezes com 2 descendentes dos ilhéusV₃ = às vezes com 3 descendentes dos ilhéusT₁ = todos os dias com 1 descendente dos ilhéusT₂ = todos os dias com 2 descendentes dos ilhéusT₃ = todos os dias com 3 descendentes dos ilhéus

Dos 16 elementos da 1.^a e 2.^a gerações que se encontram, 50% têm o português como língua majoritária e os outros 50%, a língua inglesa. Do total de 38 falantes que não têm relacionamento com descendentes dos ilhéus, 66% domina só o português e 34% somente o inglês.

Além desses resultados, apresenta-se o diagrama nº 3 (p. 89) em que se organizam as redes de comunicação entre os falantes da comunidade. Para montá-lo, foram colocadas só as pessoas que tinham relacionamento com os descendentes dos ilhéus, o local e a frequência dos encontros. Para cada informante que apontasse o nome de uma determinada pessoa, verificava-se em seguida se esta era realmente amiga do primeiro informante.

Alguns depoimentos importantes foram incorporados a este trabalho, como o da falante 4 ao afirmar que seus filhos não tinham domínio da língua inglesa por terem maior contato com brasileiros, sem ascendência ilhoa.

They have more contact with Brazilian than English people, because have little... only have these old time here... only few... have more contact with Brazilian. Speak more Portuguese, but they understand... (fal. 4).

O falante 8 confessou não ter com quem praticar a conversação em inglês e quando encontra descendentes de ilhéus, só usa a língua portuguesa.

Por esta teoria, pôde-se chegar à conclusão de que se tem aqui uma rede frouxa e uniplex, causada pela alta porcentagem de não-relacionamento entre os membros da comunidade e a inexistência de um domínio específico onde se falasse a

DIAGRAMA Nº 3. REDES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Legenda:

Às vezes = — — —>

Todos os dias = ———>

↑ = casa

+ = igreja

h = bar

≡ = mercado

□ = universidade

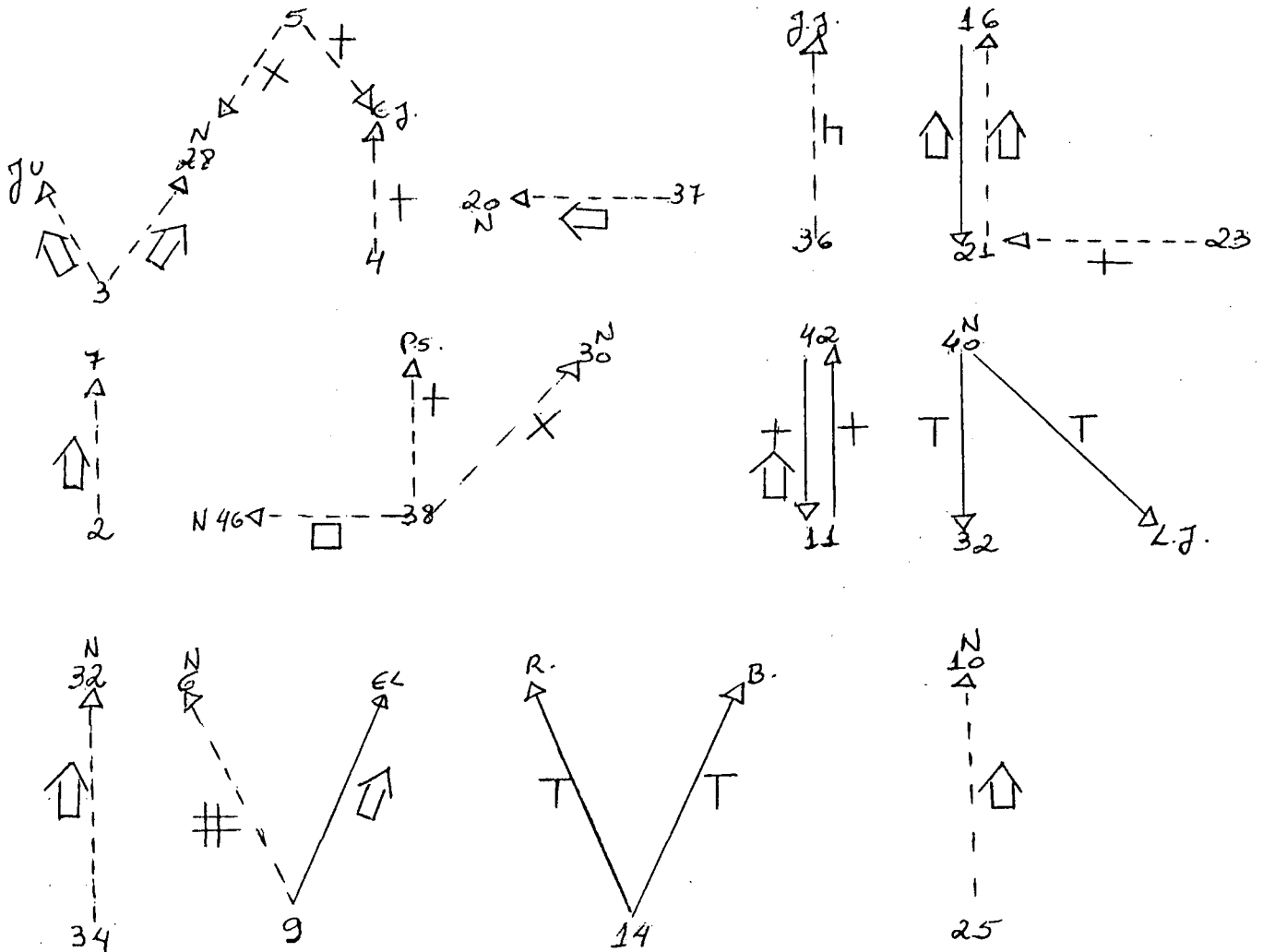
T = trabalho

N = só tem contato com brasi-

leiros sem descendência

ilha

Números e abreviaturas = corres-
pondem aos informantes da co-
munidade.



língua inglesa. Este tipo de rede tem como consequência a mudança de código. A rede frouxa e uniplex é comum ao sistema urbano, segundo BORTONI-RICARDO⁴ e FISHMAN¹¹, apesar deste último acrescentar que isto nem sempre leva a uma mudança de código, porque os grupos urbanos podem revelar maior consciência e esforços organizados para preservar, reviver ou mudar sua língua tradicional.

3.3 OBSERVAÇÕES SOBRE OS DADOS COLETADOS

Serão apresentadas abaixo, certas incongruências do questionário que foram checadas pela observação participante e pelas gravações lingüísticas.

Os informantes nº 10 e 20, apesar de não usarem a língua inglesa nas situações apresentadas, possuíam domínio nesta língua, porque participaram das gravações em inglês. Os falantes 3, 8, 14 disseram conversar em inglês com os filhos (cf. fal. 14, 28, 29, 34), mas estes não demonstraram usar a língua inglesa nas situações apresentadas. Provavelmente isto se devia ao fato de os filhos apenas entenderem e não falarem a língua, ou somente a uma tentativa de forçá-los ao aprendizado, mas foram raras as vezes que isto aconteceu. Já os fal. 6, 16, 18, 22 e 24 se dirigiam aos filhos em inglês, porque esses tinham aprendido a língua na escola e não em casa, objetivo dessa pesquisa.

O informante nº 8 se dirigia raramente aos netos em inglês, mas somente para ensinar cumprimentos, ordens e algumas coisas mais elementares da comunicação cotidiana.

Há situações específicas em que os falantes usavam a língua inglesa: para cumprimentos com os primos quando os encontravam em festas de família (cf. fal. 41); quando a falante 42 ensinava músicas inglesas para os filhos ou quando a falante 11 não queria que seus filhos entendessem os segredos que trocava com sua mãe. Muitos falantes, principalmente os mais velhos, não admitiam o fato de contar piadas ou dizer palavrões, por acharem isto constrangedor, principalmente no segundo caso. Isto pode ter comprometido os dados e por isso as perguntas deveriam ter sido feitas de forma menos direta.

Na pergunta nº 16 do questionário, pediu-se que citassem a língua mais usada com os irmãos e irmãs, separando por idades. Na análise dos dados, observou-se que uma ou outra língua era usada, independentemente de ser irmão mais velho ou mais novo.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹Este autor denominou "Black English" britânico àquelas línguas trazidas pelos povos do Caribe para a Inglaterra pós-guerra e que eram fonológica e gramaticalmente aproximada da norma branca local. Elas eram geralmente chamadas de "inglês" pelos seus falantes, mas permaneceram distintamente "Black".

²A pesquisadora trabalhou com os negros de duas cidades da Califórnia: East Palo Alto e Oakland.

³TRUDGILL realizou sua pesquisa nos Estados Unidos, gravando a fala de brancos e negros. Ele pediu para outras pessoas ouvirem as gravações e apontarem a fala dos brancos e a dos negros.²⁷

⁴Como entre os negros mais jovens da Grã-Bretanha, o elemento crioulo era quase sempre jamaicano, SUTCLIFFE preferiu estudar o crioulo jamaicano como era falado na Grã-Bretanha, para depois analisar o "Black English" britânico e o campo que se estende entre as duas variedades.²⁵

⁵Ela analisou a variável gramatical "ain't" pela fala de três classes de trabalhadores adolescentes, na cidade de Reading, Inglaterra.

⁶Segundo MARCUSCHI, "a expressão 'unidade comunicativa' é aqui tomada como substituto conversacional para 'frase', ou seja, é a expressão de um conteúdo que pode dar-se, mas não necessariamente, numa unidade sintática tipo frase. Trata-se de uma noção pré-teórica, assim como a noção de tópico, e, neste contexto, opera como categoria descritiva de unidades que podem ou não coincidir com a frase. Reflete nossa experiência comunicativa a respeito do que seja uma frase". (p. 61-62).¹⁹

⁷A palavra "so" pode estar relacionada com o emprego no português da palavra "assim" que também tem a função de modalizadora ou preenchedora de pausa. (cf. PASZKIEWICZ²⁰).

4 CONCLUSÃO

Este trabalho descreveu a situação de uma comunidade bilíngüe, em Porto Velho-RO.

Efetou-se uma pesquisa sociolingüística para tentar descobrir as razões da mudança de código e outra lingüística para descrever os dados que se distanciavam do inglês-padrão, apontando aquelas que tinham características do inglês das ilhas e influência do português.

4.1 ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Na parte sociolingüística, vários autores contribuíram para explicar a mudança de código, porém os dados foram analisados à luz do modelo de GILES *et alii*, da teoria das redes de comunicação social de BORTONI-RICARDO e o conceito de FISHMAN sobre "domínio".

Os resultados obtidos pela variável geração comprovaram a mudança de código, porque, embora a 1.^a geração fosse bilíngüe, houve predomínio da língua portuguesa. A 2.^a geração, com exceção dos elementos de uma família, já eram monolíngües em português.

Pelo conceito de FISHMAN sobre "domínio" e o exemplo sobre os "passos sucessivos da aculturação de imigrantes" (cf. revisão da literatura), foi possível observar que a língua

nativa já que não era muito usada nesta comunidade, mesmo nos últimos domínios onde ela geralmente permanecia: na família, em situações mais particulares como palavrões, irritado(a), piadas e em conversas com Deus.

O que pode ter contribuído para o enfraquecimento da transmissão e manutenção da cultura e da língua materna, além de outros fatores citados adiante, foi o fato de os avós e pais de muitos falantes que tinham domínio da língua materna haverem falecido ou mudado de cidade.

Pelo modelo de GILES *et alii* sobre os fatores estruturais influenciando a mudança de código, encontrou-se o seguinte:

1) **"Status" Social do grupo:** constatou-se uma apatia e desmotivação em muitos integrantes desta comunidade para manter sua língua materna, ao sofrerem rejeição de muitos brasileiros, seja por serem de cor ou pela sua origem significar pertencer à classe social baixa.

2) **"Status" da Língua:** houve vergonha e atitudes negativas, com o conseqüente abandono da língua materna, quando muitos falantes perceberam que sua língua tinha um "status" baixo por não ser uma língua estandardizada.

3) **Os Casamentos interétnicos ou mistos:** entre os informantes etnicamente "puros" encontravam-se os maiores usuários da língua materna. A crescente miscigenação colaborou para o desuso da mesma.

4) **Religião:** a língua da comunidade não era usada nas igrejas ou nas conversas dos falantes com Deus, favorecendo com isto a mudança de código.

Além dos fatores apresentados pelo modelo de GILES *et alii*, fez-se um estudo sobre a influência do sexo na mudança de código. Como a 2.^a geração era praticamente toda monolíngüe em português, compararam-se somente os homens e mulheres da 1.^a geração.

Constatou-se então que as mulheres eram em número ligeiramente superior de usuárias de língua portuguesa, porque, de acordo com o que foi visto na revisão da literatura, elas eram bilíngües, instruídas e participavam de atividades externas.

APPEL & MUYSKEN comentaram que os fatores estruturais do modelo de GILES *et alii* não influenciavam a manutenção/mudança de código diretamente, mas sim indiretamente, via variáveis intermediárias.

As **Redes de Comunicação Social**, apresentadas por BORTONIRICARDO, fazem parte destas variáveis intermediárias. Com este estudo, comprovou-se que a mudança de código ocorreu na comunidade barbadiana e granadina, pelo fato de a mesma pertencer a uma rede frouxa e uniplex. Esta se caracteriza pelos poucos vínculos de seus membros e é comum em sistemas urbanos.

4.2 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS

Pela descrição lingüística, constatou-se que grande número dos dados que se desviavam do inglês-padrão, tinham características do inglês das ilhas de Barbados e Granada ou sofriam influência do português.

Algumas das características das ilhas que foram confirmadas pelos informantes, **a**, **b** e **c**, pela série "Insight Guides" e por WICKHAM, estavam também presentes no "Black English" bri-

tânico e no crioulo jamaicano britânico, segundo SUTCLIFFE; no "Black English" americano vernáculo, segundo HOOVER e TRUDGILL; em outras línguas crioulas e "pidgins", segundo WARDAUGH e BICKERTON; no inglês-não-padrão de Reading-Inglaterra, segundo CHESHIRE (confira Tabela nº 10).

Dentre as características que sofreram influência das ilhas e não se encontram na Tabela 10, destacam-se:

- Os pronomes reflexivos **ourselves**, **himself**, são substituídos pelas respectivas formas **we self** e **his self**;

- Não há o uso do caso possessivo;

- O artigo indefinido **an** é substituído pelo artigo indefinido **a**;

- Quanto ao sistema verbal, foram feitas as seguintes observações:

- 1) A forma interrogativa é feita com elevação da voz no final da sentença e sem a inversão do sujeito e verbo auxiliar;

- 2) O auxiliar **don't** é usado para todas as pessoas verbais;

- 3) O particípio passado segue duas regras: uma forma padrão e um homônimo do presente;

- 4) a conjugação do verbo **to be** é feita da seguinte maneira: **was** é usado para todas as pessoas no passado e **is** para todas as pessoas no presente;

- 5) O infinitivo do verbo **to have** é substituído pela sua forma de passado após o auxiliar **did**.

- Quanto à questão fonológica, observou-se que houve o desaparecimento da vogal átona inicial em determinadas palavras.

TABELA 10. COMPARAÇÃO DO INGLÊS DE BARBADOS E GRANADA COM OUTRAS LÍNGUAS CRIOULAS, "PIDGINS" E DIALETOS

Dados que receberam influência das ilhas de Barbados e Granada	"Black English" britânico, segundo SUTCLIFFE	Crioulo Jamaicano britânico, segundo SUTCLIFFE	"Black English" americano vernáculo, segundo HOOVER	"Black English" americano vernáculo, segundo TRUDGILL	Outras línguas criou-las do Havai, Haiti, Jamaica, etc, segundo BICKERTON	Inglês-não-línguas criou-padrão de las e "pidgins" Reading, segundo Ingl., se- WARDLUGH gundo GEESE	Observações
1) Não há flexão do verbo na 3ª pessoa singular do presente do indicativo	X		X	X			TRUDGILL acrescentou que esta forma está presente na fala de muitos americanos brancos (especialmente os sulistas) e nos crioulos ingleses
2) Does é usado como marcador para ação habitual, no presente do indicativo e na forma afirmativa, sem ser enfático							SUTCLIFFE disse que a maior parte das línguas crioulas usa esta forma
3) A variedade possui 3 variantes de passado simples: a) forma padrão; b) um homônimo do presente; c) um auxiliar did como marcador de passado simples	X	X	X		X	X	
4) A forma verbal dead substitui: a) o infinitivo do verbo to die; b) o passado simples desse verbo		X					
5) Há a supressão do verbo to be: a) de maneira sistemática diante do gerúndio e indicação de idade, na afirmativa			X	X			TRUDGILL acrescentou que esta forma está presente no inglês crioulo do Caribe
6) A contração ain't substitui as contrações da forma negativa do presente do indicativo dos verbos to be e do auxiliar to have				X		X	
7) Há ocorrência da dupla ou múltipla negação	X	X		X	X		SUTCLIFFE apontou o uso dessa forma no inglês-não-padrão dos brancos, na Inglaterra
8) Há uma só forma de pronome que pode ser usado como sujeito, objeto e possessivo						X	
<u>Questões fonológicas</u>							
1) Os verbos to take e to make apresentam pronúncias como /tek/ e /dek/, respectivamente		X					
2) O fonema /R/ é realizado por [Ry] em certos contextos		X					
3) Em posição inicial, as fricativas interdentais /θ/ e /ð/ são pronunciadas como /t/ e /d/, respectivamente. Em outras posições, elas se tornam /f/ e /v/				X			TRUDGILL comentou que esta característica está presente em outras variedades britânicas e na fala dos brancos de Kentucky

Além das questões gramaticais e fonológicas, há ainda uma infinidade de formas lexicais presentes nos dados.

Os dados abaixo sofreram influência do português, segundo a intuição da autora:

- O substantivo é seguido imediatamente pelo adjetivo;
- O verbo **to be** é substituído pelo verbo **to have** nas expressões relacionadas com idade;
- Há omissão do sujeito em determinadas situações;
- Há o uso da preposição **in** em vez de **on**;
- A palavra **good** é utilizada como advérbio em lugar de **well**;
- O verbo **to have** fica com o significado de **there is/are**;
- Há um item léxico do português que é transformado para ser semelhante ao inglês;
- O verbo **to find** tem o significado de **to think**;
- **Take account** é traduzido como **tomar conta**;
- A forma verbal **take coffee** é usada como **breakfast**.

Este trabalho representa uma tentativa de documentar uma situação transitória e que tende a desaparecer. Espera-se com isto oferecer subsídios para estudos de mudança de código e de línguas crioulas.

ANEXO

ANEXO 1QUESTIONÁRIO

Nome:

Data:

Endereço:

Sexo:

Idade:

Cidade onde nasceu e estado:

Se casado, seu cônjuge nasceu em:

Granada _____ Barbados _____ Brasil _____

Profissão:

Onde nasceu seu:

Pai _____ Avô _____ Bisavô _____

Mãe _____ Avô _____ Bisavô _____

Qual seu último grau de instrução?

Universitário _____

Segundo grau completo _____

Segundo grau até _____ série

Primeiro grau completo _____

Primeiro grau até _____ série

Sem escolarização _____

Religião _____

Freqüenta sua igreja? Sempre _____ às vezes _____ Nunca _____

O Sr. (a) aprendeu inglês em sua casa? Sim _____ Não _____

O inglês aprendido em sua casa foi suficiente para:

Poder entender	bem ____	mais ou menos ____	mal ____
Falar	bem ____	mais ou menos ____	mal ____
Escrever	bem ____	mais ou menos ____	mal ____
Ler	bem ____	mais ou menos ____	mal ____

Além do inglês possivelmente aprendido em casa, o Sr.(a) também estudou em escolas particulares/públicas? Sim ____ Não ____

Durante quantos anos? ____

Hoje o Sr.(a) julga seu conhecimento de inglês falado como:

muito bom ____	bom ____
regular ____	insuficiente ____

Assinale com um X as alternativas correspondentes (escreva NÃO SE APLICA quanto um item não se referir ao seu caso):

Qual a língua mais usada pelo Sr.(a) nas seguintes situações?

a) Conversando com seu pai:	PORT. ____	INGLÊS ____
b) Conversando com sua mãe:	PORT. ____	INGLÊS ____
c) Conversando com seu esposo(a) quando seus filhos estão presentes:	PORT. ____	INGLÊS ____
d) Conversando com seus filhos:	PORT. ____	INGLÊS ____
e) Conversando com seu avô:	PORT. ____	INGLÊS ____
f) Conservando com sua avó:	PORT. ____	INGLÊS ____
g) Conversando com Deus:	PORT: ____	INGLÊS ____
h) Conversando com seu:		

irmão 1:	PORT. ____	INGLÊS ____	irmão 2:	PORT. ____	INGLÊS ____
irmão 3:	PORT. ____	INGLÊS ____	irmão 4:	PORT. ____	INGLÊS ____
irmão 5:	PORT. ____	INGLÊS ____	irmão 6:	PORT. ____	INGLÊS ____

i) Conversando com sua irmã:

1. PORT. _____	INGLÊS _____	2. PORT. _____	INGLÊS _____
3. PORT. _____	INGLÊS _____	4. PORT. _____	INGLÊS _____
5. PORT. _____	INGLÊS _____	6. PORT. _____	INGLÊS _____

j) Conversando com seu esposo(a): PORT. _____ INGLÊS _____

k) Conversando com seus tios(as):

1. PORT. _____	INGLÊS _____	2. PORT. _____	INGLÊS _____
3. PORT. _____	INGLÊS _____	4. PORT. _____	INGLÊS _____
5. PORT. _____	INGLÊS _____	6. PORT. _____	INGLÊS _____

l) Conversando com seus primos(as):

1. PORT. _____	INGLÊS _____	2. PORT. _____	INGLÊS _____
3. PORT. _____	INGLÊS _____	4. PORT. _____	INGLÊS _____
5. PORT. _____	INGLÊS _____	6. PORT. _____	INGLÊS _____

m) Quando diz palavrões: PORT. _____ INGLÊS _____

n) Na hora das refeições: PORT. _____ INGLÊS _____

o) Conversando com pessoas das ilhas depois do culto: PORT. _____ INGLÊS _____

p) Quando fica irritado(a): PORT. _____ INGLÊS _____

q) Quando conta piadas: PORT. _____ INGLÊS _____

r) Conversando com o pastor: PORT. _____ INGLÊS _____

s) Conversando com seu neto(a):

1. PORT. _____	INGLÊS _____	2. PORT. _____	INGLÊS _____
3. PORT. _____	INGLÊS _____	4. PORT. _____	INGLÊS _____
5. PORT. _____	INGLÊS _____	6. PORT. _____	INGLÊS _____

t) Há alguma outra situação além das mencionadas em que o Sr.(a) fala inglês? Qual(is)?

Qual seu julgamento da comunidade barbadiana/granadina?

_____ apresenta mais lados positivos do que negativos.

_____ apresenta mais lados negativos do que positivos.

_____ não sei.

O seu contato com falantes de inglês é:

Frequente _____

Regular _____

Raro _____

O Sr.(a) se reúne aos domingos com seus filhos(as) e pais?

Sim _____

Não _____

Às vezes _____

Dê o nome de 3 pessoas com quem o Sr.(a) conversa mais frequentemente, além das pessoas que vivem em sua casa. Cite a nacionalidade da pessoa e se ela é descendente de barbadiano e granadino:

1. NOME:

End.:

2. NOME:

End.:

3. NOME:

End.:

Vocês se encontram com muita frequência?

De vez em quando _____

Todos os dias _____

Onde vocês se encontram para conversar?

_____ na casa de ambos/vizinhança

_____ escola/trabalho

_____ igreja/associação

_____ outros domínios

Observações: Este espaço foi reservado para perguntas informais aos entrevistados, tais como: por quê não fala inglês/ não o ensinou aos filhos? Você se sente mal/ tem vergonha de falar inglês perto de outras pessoas que não saibam a língua?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. APPEL, R. & MUYSKEN, P. Language Contact and Bilingualism. London, Edward Arnold, 1987. p. 32-45.
2. BICKERTON, D. Pidginization and Creolization: Language Acquisition and Language Universals. In: VALDMAN, A. Pidgin and Creole Linguistics. Bloomington, Indiana University Press, 1977. p. 58-61.
3. BLOM, Jan-Peter & GUMPERZ, John J. Social Meaning in Linguistic Structure: code switching in Norway. In: GUMPERZ, J.J. & HYMES, Dell. Directions in Sociolinguistics - the ethnography of communication. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1972. p. 407-434.
4. BORTONI-RICARDO, Stella Maris. The Urbanization of Rural Dialect Speakers. London, Cambridge University Press, 1985. p. 69-97.
5. CHESHIRE, Jenny. Variation in the use of "ain't" in urban British English Dialect. Language in Society, London, 10(3): 365-381, dez. 1981.
6. DITTMAR, Norbert. Sociolinguistics: a critical survey of theory and application. London, Edward Arnold, 1976. p. 224-225. 307 p.
7. DOWNES, W. Language and Society. London, Fontana Paperbacks, 1984. p. 39-71, 86-99, 170-193, 378 p.
8. FASOLD, Ralph. The Sociolinguistics of Society. New York, Basil Blackwell, 1984. p. 180-242.
9. FERGUSON, C.A. Diglossia. In: GIGLIOLI, P.P. (ed.). Language and Social Context. Harmondsworth, Penguin books, 1972. p. 232-251.
10. FERREIRA, M.R. Ferrovia do Diabo. 4.ed. São Paulo, Melhoramentos, 1987. p. 126-395. 408 p.

11. FISHMAN, Joshua A. Advances in the Sociology of Language. Paris, Mouton-The Hague, 1971. v.1, p. 286-320, 480 p.
12. GAL, S. Language shift: social determinants of linguistic change in bilingual Austria. New York, Academic Press, 1979. p. 66-67.
13. GILES, H.; BOURHIS, R. Y. & TAYLOR, D.M. Towards a Theory of Language in Ethnic Group Relations. In: GILES, H. Language, Ethnicity and Intergroup Relations. London, Academic Press, 1977. p. 308-343.
14. HOOVER, M.R. Community attitudes toward Black English. Language in Society, London, 7(1): 65-85, abril, 1978.
15. INSIGHT GUIDES, Barbados, Singapore, APA production, 1986. p. 86-88. 251-252, 256-257,
16. JUNIOR CARIBBEAN, Fontabelle, St. Michael, Barbados, 1(16): 16, Junho, 1984.
17. LABOV, William. Report of the Sociolinguistics Workshop. India, The Central Institute of Indian Languages in Mysore, 1972. p. 11-27, 43-44, 48-51, 90 p.
18. MACKEY, W.F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J.A. Readings in the Sociology of Language. Paris, Mouton, 1972. p. 554-583.
19. MARCUSCHI, Luiz Antônio. Análise da Conversação. São Paulo, Ática, 1986. p. 91-61-63, 94 p.
20. PASZKIEWICZ, Maria Luiza de França. Características da Linguagem Oral e sua Realização em Língua Portuguesa. Curitiba, 1985. p. 26-27. Dissertação. Mestrado. Universidade Federal do Paraná.
21. SAVILLE-TROIKE, Muriel. The Ethnography of Communication. Oxford, Basil Blackwell, 1982. p. 52-70, 169-199.
22. SMITH, P.M. Sex markers in speech. In: SCHERER, K.R. & GILES, H. Social Markers in Speech. London, Cambridge University Press, 1979. p. 119-122.
23. SOUZA, M. Mad Maria. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. p. 23-27, 75, 93, 111, 299-305.
24. STERN, H.H. Fundamental Concepts of Language Teaching. 3.ed. London, Oxford University Press, 1984. p. 235-236.

25. SUTCLIFFE, D. British Black English and West Indian Creoles.
In: TRUDGILL, P. Language in the British Isles. London,
Cambridge University Press, 1984. p. 219-237.
26. TARALLO, F. & ALKMIN, T. Falares Crioulos: línguas em con-
tato. São Paulo, Ática, 1987. p. 63, 142 p.
27. TRUDGILL, P. Sociolinguistics: an introduction to language
and society. Harmondsworth, Penguin books, 1985. p. 57-95.
28. WARDAUGH, R. An Introduction to Sociolinguistics. Oxford,
Basil Blackwell, 1986. p. 55-85.
29. WICKHAM, John. The fellow travellers. Junior Caribbean,
Fontabelle, St. Michael-Barbados, 1(16): 15, 1984.